

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

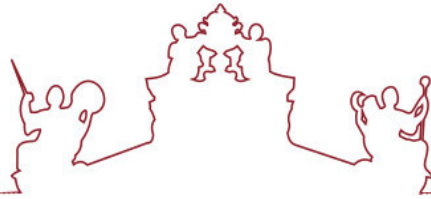
A obesidade como motor de preconceito: Representações de corpos gordos nas artes visuais contemporâneas.

Pedro Manuel Martins Fernandes

Orientador(es) | Pedro José Alves Portugal de Andrade
Teresa Veiga Furtado

Évora 2021





Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

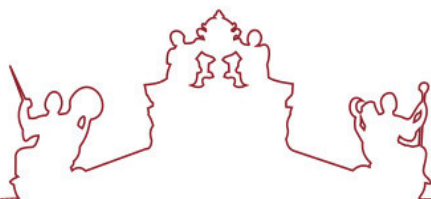
A obesidade como motor de preconceito: Representações de corpos gordos nas artes visuais contemporâneas.

Pedro Manuel Martins Fernandes

Orientador(es) | Pedro José Alves Portugal de Andrade
Teresa Veiga Furtado

Évora 2021





O trabalho de projeto foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Paula Maria Vieira Reaes Pinto (Universidade de Évora)

Vogais | Pedro José Alves Portugal de Andrade (Universidade de Évora) (Orientador)
Vitor Manuel Gomes (Universidade de Évora) (Arguente)

Agradecimentos

No início do meu percurso na Universidade de Évora tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas que eu não imaginava que seriam tão importantes para o meu percurso académico, algumas dessas pessoas são os Professores Doutores Paula Reaes Pinto e Pedro Portugal que sempre estiveram disponíveis para me ajudar e mostrar outros caminhos para as minhas ideias que muitas vezes eram quase impossíveis de se concretizar.

Agradeço em especial à Professora Doutora Teresa Furtado, que durante estes meus cinco anos na Universidade de Évora me ajudou e apoiou e incentivou a nunca desistir dos meus objetivos. A Professora Doutora Teresa Furtado não se tornou só mais uma professora no meu percurso académico, mas sim uma amiga que eu sei que fora desta academia posso sempre contar com a sua ajuda.

De entre todos os meus colegas eu quero agradecer à Beatriz Canivete e à Catarina Rita que entraram comigo neste desafio que foi a Universidade de Évora e que estão sempre dispostas para me ajudar e para me incentivar quando acho que nada vai correr como eu espero.

Agradeço também à Mara Lúcia e à Diana Anjos por todas as conversas e pelo seu companheirismo dentro e fora da Universidade de Évora.

Tenho que agradecer também à Maria Castanho que começou e acabou este percurso na universidade de Évora comigo e que se tornou uma amiga para a vida.

Agradeço aos meus primos Bruno, Tânia, Soraia e João que sempre me apoiaram e estiveram presentes no meu percurso académico.

Agradeço aos meus Avós Maternos e Paternos que sempre foram e sempre serão modelos a seguir pela sua força, garra e determinação a alcançar os seus objetivos. Um dia espero que os meus netos tenham tanto orgulho em mim como eu tenho nos meus Avós.

Agradeço em especial à minha prima Mónica que além de prima é minha irmã, que está sempre disposta a ajudar em tudo o que eu preciso.

Finalmente agradeço aos meus País que sempre me apoiam em todas as minhas decisões certas ou erradas, mas nunca as julgaram. Apesar de eles dizerem que eu sou o seu orgulho, eles não sabem, mas eu é que tenho muito orgulho neles pois muitas vezes deixaram os seus sonhos para me ajudar a concretizar os meus.

Não posso deixar de agradecer à Universidade de Évora por estes cinco anos magníficos que vão ficar para sempre gravados na minha memória.

Resumo

Nas sociedades ocidentais a obesidade é entendida, do ponto de vista da medicina, como prejudicial para a saúde e sinónimo de “um mal” a ser combatido. No foro social quotidiano, como nos meios de comunicação de massa e nas redes sociais, assiste-se frequentemente a um controlo, objetificação e discriminação das pessoas que possuem corpos gordos. Este trabalho de investigação artística teórico-prática tem como questão principal compreender de que modo são representados os corpos obesos nas artes visuais, em particular na contemporaneidade, refletindo preocupações não apenas do foro da estética, mas também sociais, que contribuam para o empoderamento das pessoas gordas e para o ativismo contra a gordofobia. Nesse sentido, ao escolher este tema, pretendo sublinhar que a obesidade constitui, muitas vezes, um motor para a estigmatização das pessoas, podendo decorrer daqui doenças graves a nível físico e psicológico, como a bulimia e/ou anorexia e, até mesmo, o suicídio. Igualmente, salienta-se que no decorrer das suas vivências quotidianas, a nível laboral e pessoal, as pessoas gordas sofrem inúmeros preconceitos e agressões, dos quais eu próprio já fui alvo.

No decorrer da minha prática artística, pretendo não só tratar a figura masculina, mas também a feminina, obesas, sendo que esta última é a mais representada pelos meios de comunicação, sendo alvo de várias críticas, quando não corresponde ao “ideal de beleza” instituído nas sociedades neo-liberais. Por conseguinte, com o meu trabalho artístico, pretendo não apenas chamar a atenção das pessoas para os preconceitos associados à gordofobia social, mas também celebrar os corpos gordos de modo afirmativo e capacitante das pessoas.

Palavras-chave: preconceito; obesidade; discriminação; artes têxteis; igualdade.

Title: Obesity as a driver of prejudice: Representations of fat bodies in contemporary visual arts

Abstract

In Western societies, obesity is understood, from the point of view of medicine, as harmful to health and synonymous with "an evil" to be fought. In the daily social forum, as in the mass media and social networks, there is often a control, objectification and discrimination of people who have fat bodies. This theoretical-practical artistic research work has as main question to understand how obese bodies are represented in the visual arts, particularly in contemporary times, reflecting concerns not only from the aesthetics, but also social concerns, which contribute to the empowerment of people and for activism against fatophobia. In this sense, when choosing this theme, I intend to underline that obesity is often an engine for the stigmatization of people, and serious physical and psychological illnesses can result from this, such as bulimia and / or anorexia and even the suicide. Likewise, it should be noted that in the course of their daily experiences, at work and personally, fat people suffer from numerous prejudices and aggressions, of which I myself have been the target.

In the course of my artistic practice, I intend not only to treat the male figure, but also the female, obese, the latter being the most represented by the media, being the target of several criticisms, when it does not correspond to the "ideal of beauty" instituted in neo-liberal societies. Therefore, with my artistic work, I intend not only to draw people's attention to the prejudices associated with social fatophobia, but also to celebrate fat bodies in an affirmative and empowering way.

Keywords: prejudice; obesity; discrimination; textile arts; equality.

Índice Geral

ÍNDICE GERAL	8
ÍNDICE DE IMAGENS	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – REPRESENTAÇÕES DE CORPOS GORDOS AO LONGO DA HISTÓRIA DE ARTE.....	17
1.1. Da pré-história à Antiguidade Clássica:	17
1.2. Peter Paul Rubens: a gordura e o belo	19
1.3. Fernando Botero: o erótico da gordura.....	22
1.3. Jenny Saville: o realismo dos corpos gordos	24
1.4. Fernanda Magalhães: o corpo gordo político	28
CAPÍTULO II – PROJECTOS ARTÍSTICOS PARA O EMPODERAMENTO DAS PESSOAS OBESAS.....	32
2.1. A <i>O corpo e o preconceito</i>: uma instalação artística contra os estereótipos sociais sobre o corpo.....	32
Imposição do corpo ideal pelos meios de comunicação social	32
Distúrbios alimentares: O mínimo para viver.....	35
2.2. <i>Matriz</i>: serigrafias para empoderamento das mulheres gordas	44
A exploração do corpo da mulher gorda na sociedade neo-liberal.....	44
CAPÍTULO III – O PRECONCEITO: UMA PINTURA PARA O EMPODERAMENTO... 53	
3.1. O preconceito.....	53

3.2. A sociedade e o preconceito	54
3.3. Eu e o preconceito	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

Índice de Imagens

Fig. 1- Pinturas Rupestres do Ennedi e Tibesti, 4 milénios a.c. Borcu-Enedi- Tibesti.	12
Fig. 2- O <i>Nascimento de Vênus</i> , Sandro Botticelli, 1485-1486, Têmpera, 172 x 278 cm, Galleria degli Uffizi.....	13
Fig. 3 - Marilyn Monroe, “ <i>O Pecado Mora ao Lado</i> ”, 1955, 830x1024 px, filme dirigido por Billy Wilder.	14
Fig. 4 - Venus de Willendorf, 28000 – 25000 a.c. Calcário oolítico, colorido com ocre vermelho, 11,1 cm. Museu de História Natural de Viena, Áustria	18
Fig. 5 - <i>Bacchus</i> , Peter Paul Rubens, 1638-1640, Óleo sobre tela, 35,5x31cm, Hermitage Museum.	20
Fig. 10 - <i>A natureza da vida</i> , Fernanda Magalhães, fotografia de Graziela Dies, 2011, performance	29
Fig. 11 – <i>Auto retrato no RJ</i> , Fernanda Magalhães, 1993, acervo da artista	30
Fig. 12- <i>Auto Retrato no RJ</i> , Fernanda Magalhães, 1993, acervo da artista	31
Fig. 15 - <i>O corpo e o preconceito</i> , Pedro Fernandes, 2020, lã e algodão, (medidas), coleção do autor	34
Fig. 16 – <i>Vergonha de ser gorda</i> , Pedro Fernandes, 2020, Faiança, 17x8,5x9cm, coleção do autor	40
Fig. 17 – <i>Será que posso ser gorda?</i> , Pedro Fernandes, 2020, Faiança, 10x9x16cm, coleção do autor	41
Fig. 18 – <i>Vergonha de ser gordo</i> , Pedro Fernandes, 2020, Faiança, 19x10x9,5cm, coleção do autor	42

Fig. 19 – <i>Sou gordo e sou feliz</i> , Pedro Fernandes, 2020, Faiança, 8x9x22cm, coleção do autor	43
Fig. 29 - <i>Matriz para o empoderamento da mulher gorda I</i> , Pedro Fernandes, papel de 300g, tinta de óleo, 70x50 cm, coleção do autor.....	49
Fig. 30 – <i>Matriz para o empoderamento da mulher gorda II</i> , Pedro Fernandes, papel de 300g, tinta de óleo, 70x50, coleção do autor	50
Fig. 31 – <i>Matriz para o empoderamento da mulher gorda III</i> , Pedro Fernandes, papel de 300g, tinta de óleo, 70x50, coleção do autor	51
Fig. 32 – <i>Matriz para o empoderamento da mulher gorda IV</i> , Pedro Fernandes, papel de 300g, tinta de óleo, 70x50, coleção do autor	52
Fig. 33 - <i>Preconceito</i> , Pedro Fernandes, 2020, acrílico sobre pano cru, 175x120cm, coleção do autor.	64
Fig. 34 – <i>Sociedade Primária</i> , Pedro Fernandes, 2020, lã e enchimento, 67x36x32cm, coleção do autor, (Versão Provisória).....	65
Fig. 35 - <i>Sociedade Primária</i> , Pedro Fernandes, 2020, lã e enchimento, 71x70x52cm, coleção do autor, (Versão Provisória).....	66
Fig. 36 - <i>Sociedade Primária</i> , Pedro Fernandes, 2020, lã e enchimento, 90x76x60cm, coleção do autor, (Versão Provisória	67
Fig. 37 - <i>Sociedade Primária</i> , Pedro Fernandes, 2020, lã e enchimento, espelhos 50cm diâmetro, coleção do autor.....	68

Introdução

Desde os primórdios das civilizações, que o corpo humano tem vindo a ser representado nas mais variadíssimas áreas. Nas Artes, particularmente, é representado não só pelas Artes Performativas, como também pela pintura e escultura. As imagens surgiram nas paredes das cavernas como uma forma de registar a sua passagem na história. Este corpo que passou por muitas descobertas e mudanças continua a metamorfizar-se ao longo do tempo, tal como as representações feitas ao mesmo.

Este trabalho de investigação artística teórico-prática tem como questão principal compreender de que modo são representados os corpos obesos nas artes visuais, em particular na contemporaneidade, refletindo preocupações não apenas do foro da estética, mas também sociais, que contribuam para o empoderamento das pessoas gordas e para o ativismo contra a gordofobia.

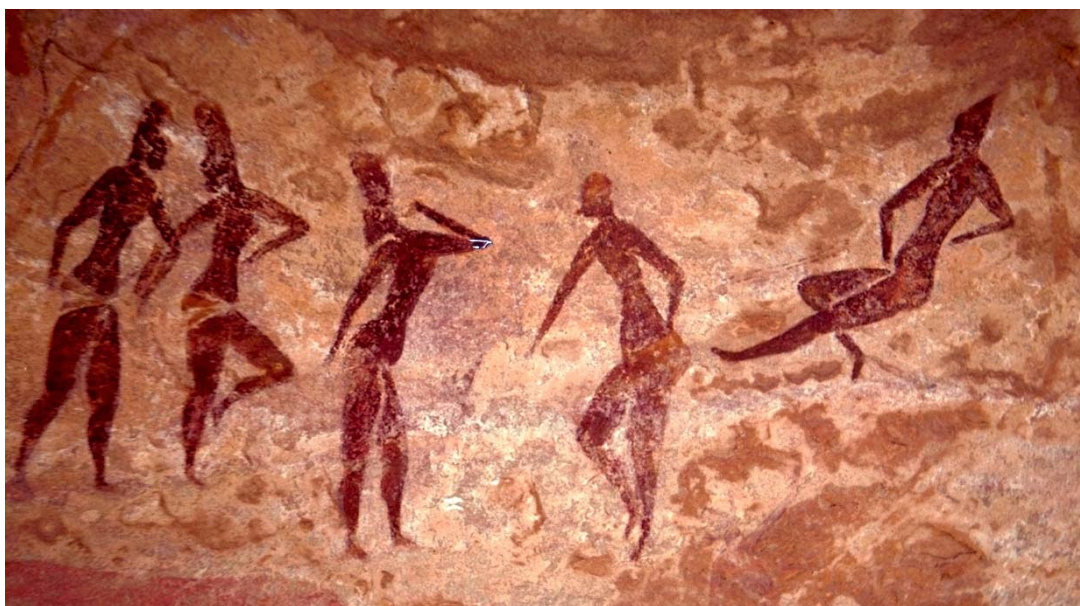


Fig. 1- Pinturas Rupestres do Ennedi e Tibesti, 4 milénios a.c. Borcu- Enedi-Tibesti.

A obesidade, entendida, na contemporaneidade, como prejudicial para a saúde, sinónimo de “um mal” a ser combatido e como doença física, nem sempre foi percebida e representada da mesma forma. Assim sendo, esta temática revela-se pertinente pela própria mudança na representação do corpo com excesso de peso, passando este de um corpo “privilegiado”, para um corpo a abolir, acarretando esta visão várias consequências para o ser humano.

Na contemporaneidade a ideia e representação do corpo “perfeito”, transmitida pelos meios de comunicação, leva a que um corpo diferente daquele que é espectacular, seja alvo de crítica, repulsa e preconceito.

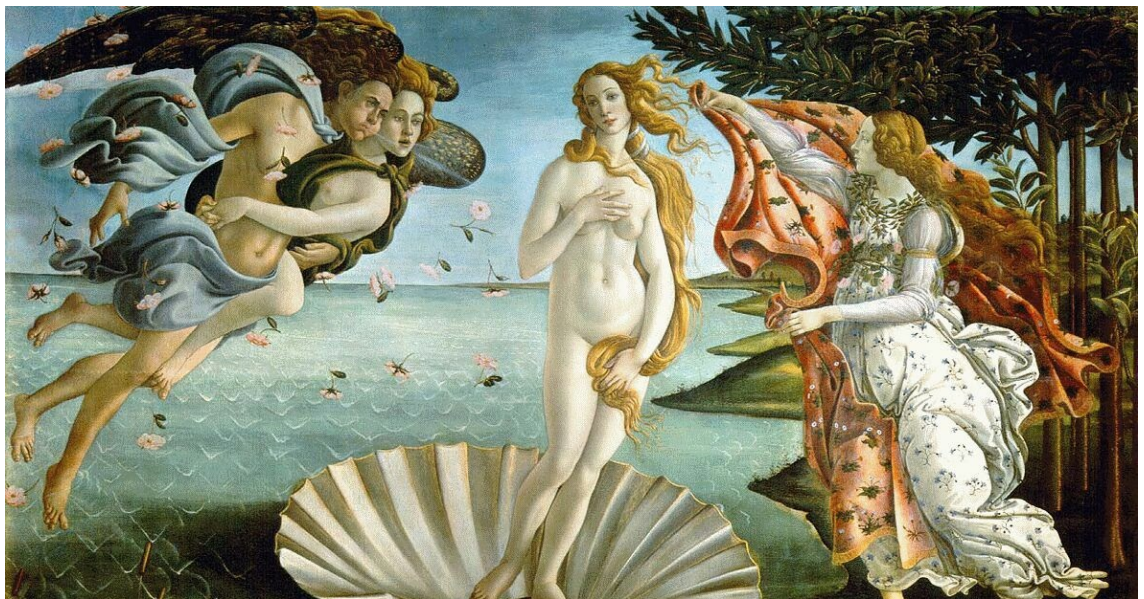


Fig. 2- O Nascimento de Vênus, Sandro Botticelli, 1485-1486, Têmpera, 172 x 278 cm, Galleria degli UFFIZI.



Fig. 3 - Marilyn Monroe, “*O Pecado Mora ao Lado*”, 1955, 830x1024 px, filme dirigido por Billy Wilder.

Ao escolher este tema, pretendo sublinhar que a obesidade não é somente um aspeto relacionado com a saúde, mas também um motor para a estigmatização, podendo decorrer daqui doenças graves como a bulimia e/ou anorexia e, até mesmo, o suicídio. Abordar esta temática torna-se algo pessoal, tendo sido alvo de preconceito em determinada altura da minha vida. Assim, pretendo não só tratar a figura masculina, mas também a feminina, sendo que são esta é a figura mais representada pelos meios de comunicação, levando a várias críticas, quando esta não corresponde ao “ideal de beleza”.

Na prática, o meu projeto irá representar aquela que é a minha perceção face ao que a sociedade considera ser a obesidade e a forma como esta vê os

corpos obesos. O objetivo é a representação de um corpo marginalizado e carregado de preconceito.

Interessa, neste projeto, focar a questão não de forma cronológica, mas pontuar os aspetos relevantes para entender a forma como é percecionada a obesidade ao longo da História, não só do ponto de vista sociobiológico, mas também a forma como alguns artistas fizeram transparecer as suas opiniões por meio da arte.

No primeiro capítulo intitulado representações de corpos gordos ao longo da história de arte começo por investigar a representação de corpos gordos desde a pré história até à antiguidade clássica, durante o primeiro capítulo investigo também alguns artistas como o pintor do estilo barroco, Peter Paul Rubens cujos padrões estéticos foram consagrados pela história de arte, refletindo os padrões de beleza da altura, tendo sido adotados por algumas escolas de pintura e os artistas contemporâneos Fernando Botero que eleva a sua obra a um nível erótico, Jenny Saville cuja obra denuncia vários conflitos que ocorrem resultantes da distorção da autoimagem das pessoas cujos corpos não se conformam aos ideais de beleza vigentes. Salienta-se que são muitas as automutilações e também auto violações que hoje são impostas ao corpo feminino e veiculadas sobretudo pelos meios de comunicação social e também Fernanda Magalhães que usa as suas vivencias para combater o corpo ideal imposto pela sociedade.

Ao longo do segundo capítulo designado de Projetos artísticos para o empoderamento das pessoas obesas, realizo uma pesquisa sobre o corpo ideal imposto pela sociedade e visto pelos meios de comunicação social, investigo também os estereótipos sociais sobre o corpo.

No terceiro capítulo o preconceito – uma pintura para o, pesquiso sobre o preconceito e a sociedade e o preconceito e ainda dou a conhecer a minha experiencia pessoal com o preconceito por ser gordo.

Assim, ao longo deste relatório de trabalho de projecto é apresentada a evolução não do conceito de obesidade, mas das diferentes formas pelas quais este fenómeno foi percecionado tanto nas artes como na sociedade em geral.

Toda a pesquisa teórica é acompanhada de projectos artísticos onde busco reflectir sobre estes temas e consciencializar as pessoas para os mesmos.

Capítulo I – Representações de corpos gordos ao longo da história de arte

1.1. Da pré-história à Antiguidade Clássica:

Ao longo do tempo, existiu um período histórico em que a análise da obesidade era feita de acordo com o seu valor estético, aceite socialmente. No desenrolar dos factos históricos e, sob a ótica da saúde, a pessoa obesa passa a ser culpabilizada pela sua situação, sendo, portanto, estigmatizada socialmente” (Pimenta, 2015, p.1).

Desde os tempos da Pré-história que a obesidade assumiu um papel preponderante na vida dos seres humanos, sendo referida como um símbolo de beleza e fertilidade. As mulheres eram valorizadas “pelas suas formas físicas, nomeadamente os quadris, coxas e seios volumosos”; contudo, ao longo de toda a História, esta visão tem sido alterada. As evidências deste tipo de corpo já são conhecidas há mais de 20 mil anos, tendo como suporte uma descoberta arqueológica, feita na Alemanha, denominada de *Vénus de Willendorf*.



Fig. 4 - Venus de Willendorf, 28000 – 25000 a.c. Calcário oolítico, colorido com ocre vermelho, 11,1 cm. Museu de História Natural de Viena, Áustria

Na Grécia antiga, o excesso de gordura era considerado uma condição patológica, sendo que no corpo clássico grego, era valorizado o corpo forte, belo e com saúde. Já Hipócrates sublinhava os perigos da obesidade, estabelecendo uma linha diferenciadora entre a gordura excessiva e a aceitável, associando a primeira à morte a segunda à vida. Comumente, “os primeiros romanos seguiram de perto esta linha condutora da medicina grega, caracterizando a obesidade como uma patologia”. Neste contexto, “as mulheres foram submetidas a longos períodos de jejum, dado que os corpos magros e esbeltos eram os mais apreciados, embora toda a classe social mais elevada pudesse manter os seus padrões alimentares mais excêntricos”. O corpo gordo era representativo dos indivíduos da elite, não sendo tão direcionado para a doença, mas mostrando-se mais como um elemento de status social (Pimenta, 2015).

Neste período histórico, nos povos gregos, romanos e babilônicos, por exemplo, apesar dos sacrifícios que as mulheres tinham de fazer, o homem com excesso de peso era associado a condições de sucesso económico. Assim, a

gordura corporal do homem simbolizava prosperidade, poder e era aceitável socialmente.

1.2. Peter Paul Rubens: a gordura e o belo

Posteriormente, nos séculos XVI e XVII, diversos artistas retratam o belo por meio de mulheres de formas redondas, consideradas sensuais. Este protótipo de corpo – mulheres sobrepeso -, eram tema de grandes artistas; embora seja esta a visão dos mesmos, não significa que a “obesidade fosse desejada por todos, ou seja, apenas indica que era mais tolerada, pois era imbuída de certo prestígio social” (Pimenta, 2015).

Como se pode verificar nos trabalhos de Peter Paul Rubens (1577-1640, Alemanha), a arte ocidental da época era representada pelas figuras roliças. As senhoras eram elogiadas pela sua robustez, estando esta ligada ao sucesso da maternidade. Já para os homens, ter uma barriga saliente era sinónimo de orgulho. Também a medicina sublinhava “a importância do peso contra o nervosismo, demonstrando como a magreza estava relacionada com o descontentamento e com personalidades nervosas” (Lemos & Oliveira & Meihy, 2015).

Peter Paul Rubens, dentro do Barroco, foi um exemplo muito importante nesta temática, consagrando a mulher gorda como bela. Neste momento da História, distinto dos padrões atuais, “volume” era sinal de riqueza e status social.

Por detrás das suas obras, onde representava mulheres com excesso de peso, era a sua esposa Helena Fourment que servia de inspiração. Os padrões estéticos que Rubens consagrou alongaram-se não só a diversos padrões de beleza, mas também a algumas escolas de pintura. As suas obras coincidem com os fundamentos derivados na pré-história, impregnando nas suas telas “gordas que se mostram felizes, erotizadas, sempre bem acomodadas nos seus

excessos de peso” (Lemos & Oliveira & Meihy, 2015). Assim, contrariamente ao corpo idealizado nos dias de hoje, mulheres “roliças”, “volumosas”. “gordas” eram, para o artista, símbolo de sensualidade.



Fig. 5 - *Bacchus*, Peter Paul Rubens, 1638-1640, Óleo sobre tela, 35,5x31cm, Hermitage Museum.



Fig. 6 - *The Judgement of Paris*, Peter Paul Rubens, 1636, 144,8 x 193,7cm, National Gallery, London.

A mudança do conceito do belo que está ligado à obesidade deu-se de uma forma disfarçada e surda sob a luz do século XVIII, sofrendo uma nova padronização em que a arte foi impondo novas formas femininas menos fartas e afastando-se da maternidade como um mote principal. A gravidez desapareceu de cena, não sendo mais sagrada nem irreligiosa.

Rubens, foi assim um pintor que conseguiu captar o tema das mulheres obesas, fazendo com que esse tema fosse aceitável pelo gosto burguês (Lemos, Oliveira & Meihy, 2015).

1.3. Fernando Botero: o erótico da gordura

O artista colombiano Fernando Botero (1932, Colômbia), distante de querer denunciar as sociedades que nos dias de hoje se encontram cada vez mais obesas, graças a um estilo de vida cada vez mais sedentário e de má alimentação, expressa a sua opinião em obras que não atingem somente figuras humanas, mas também animais.

Nas obras do artista, a obesidade é representada por seres que infringem a própria forma de uma essência que incomoda. Nas suas obras, Botero eleva a gordura a um nível erótico, tal como Rubens, mas também ingênuo e melancólico, ou seja, a um nível humano, opondo-se assim a um ideal de perfeição corporal e de uma beleza do magro divulgada pelos meios de comunicação (Lemos & Oliveira & Meihy, 2015).

As figuras de Botero – gordas, altas, baixas, disformes, de membros e troncos quase feitos de balões-, obrigam-nos a reconhecer as figuras como humanos, deixando de lado fatores que levam a sociedade a estigmatizar. A sua representação de cenas quotidianas, faz com que a gordura ganhe um olhar mais frágil. Apesar dos corpos grandes, as suas obras transmitem quase que uma sensação de pureza quase infantil, impregnada em ingenuidade. Quando o artista retrata cenas históricas ou políticas, a gordura ganha um ar quase que insuportável. Desta forma, percebe-se a sua forma irónica de representar a situação expressa nos dias de hoje, relativamente à obesidade (Lemos & Oliveira & Meihy, 2015).



Fig. 7 - *Mona lisa com dose anos*, Fernando Botero, 1959, Tinta a óleo, 211x196cm, The Museum of Modern Art, Nova Iorque.

Para além disto, as suas obras retratam em nós próprios pessoas comuns com os seus conflitos que a gordura muitas vezes é o que nos une e o que nos separa, também o que nos pode fortalecer e ao mesmo tempo fragilizar, tornando-nos iguais ou incompatíveis. No mundo de uma estética não realista de Botero, podemos ver uma construção de um modo sem Photoshop. A simples e ruidosa gordura pode tornar-se uma arma materialista contra a ideologia da nova era (Lemos & Oliveira & Meihy, 2015).

1.3. Jenny Saville: o realismo dos corpos gordos

A visão do corpo sofre metamorfoses e, portanto, em meados do século XIX, os corpos mais magros começam a ganhar mais espaço em comparação com os “corpos redondos”. A imagem de magreza é imposta e triunfa entre a sociedade, afirmando-se como “o protótipo mais desejado pelas mulheres”.

Na contemporaneidade, a obsessão pelo corpo magro, torna-se preocupante, na medida em que tal insatisfação pode acarretar consequências muito graves. Existem cada vez mais pessoas a investir no seu corpo e na sua imagem, com o objetivo de obter “prazer sensual e de lhe aumentar o poder da estimulação social” (Barbosa, Matos & Costa, 2011). As representações feitas pelos media salientam, sobretudo, corpos que vão de encontro ao padrão estético que não está ao alcance para a grande maioria das pessoas, sendo que “modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, num jogo de sedução e imagens. Veicula-se a representação da beleza estética associada a determinados ideais de saúde, magreza e atitude” (Barbosa, Matos & Costa, 2011).

Por outro lado, as representações artísticas criadas por artistas citados no capítulo seguinte, apresentam um outro olhar sobre a temática que é tida como sinónimo de doença e constante estigmatização. A intenção é, sobretudo, por parte de Botero representar de forma irónica a ideia que se conceptualiza nos dias de hoje relativamente ao corpo gordo; para a artista Jenny Saville (1970, Reino Unido), importa representar de forma realista as consequências advindas da imposição da sociedade face ao padrão de beleza da contemporaneidade (Lemos & Oliveira & Meihy, 2015).

Ao longo de toda a História, e ainda que as mulheres tenham alcançado muitas conquistas, são ainda o “vítimas” (mais que os homens, ainda que estes também sofram a pressão social) de “holofotes do mito da beleza” (Lemos & Oliveira & Meihy, 2015). Quanto maiores foram as suas conquistas alcançadas, mais rígidas e cruéis foram as imagens femininas que lhes impuseram. Muitas vezes por esse ritmo acelerado de beleza, relacionaram-se os distúrbios ligados

à alimentação e a cirurgias plásticas estéticas. É neste contexto que Jenny Saville pretende desconstruir, por meio das suas pinturas, os conceitos estereotipados da beleza e erotismo do corpo da perspectiva da arte e da visão masculina, ampliando-os (Lemos & Oliveira & Meihy, 2015).



Fig. 8- *Propped*, Jenny Saville, 1992, óleo sobre tela, 213,4x182,9cm

Através das suas representações, expressa estados de sensibilidade que ligam o ser humano à sua própria existência. Carnalidade desconfortável,

angustiante e dolorosa, estranheza e dor são aspetos que definem a sua linguagem artística. Ao contrário de Botero, a artista pretende mostrar a realidade do corpo obeso, o que lhe está inerente e, comumente, o sentimento intrínseco a este tipo de corpo (Scandolara, 2013).

A maior parte das obras de Jenny Saville representam as mulheres obesas como detentoras de corpos enormes, contrapondo ao que na contemporaneidade é o praticado pelo ser humano: muitas vezes tenta enquadrar-se em padrões rígidos muitas vezes inalcançáveis e sufocantes. Muitas dessas pessoas revelam traços violentos e marcas de cicatrizes de cirurgias plásticas.

A partir do filtro que a artista representa, as personagens femininas são retalhadas nascendo assim um realismo grotesco que extingue as suas condições de vitimas desfiguradas e corrigidas plasticamente, transformadas por estranhas doenças e automutilações. As peças da pintora atingem um incomodo e uma critica que dá um afastamento da zona de conforto das ideias pré-concebidas que os padrões de beleza hoje impõem aos olhares e compreensões da sociedade (Lemos & Oliveira & Meihy, 2015).



Fig. 9 - *Branded*, Jenny Saville, 1992, óleo sobre tela, 213x183cm.

As suas obras denunciam vários conflitos que ocorrem pela distorção da autoimagem, sendo que muitas são as automutilações e também auto violações que hoje são impostas ao corpo feminino contemporâneo. As suas pinturas realistas e representativas pretendem ser um manifesto, sobretudo, contra os ideais de beleza impostos nos dias de hoje.

1.4. Fernanda Magalhães: o corpo gordo político

Fernanda Magalhães (1962, Brasil), utiliza a sua autorreferência para a sua prática artística. Apresenta peças que podem ser consideradas como um questionamento ao padrão de beleza feminino imposto pelos media e pela sociedade de uma maneira geral. Na maior parte dos seus trabalhos, a artista transparece um incómodo com a associação do obeso a algo que incomoda; utiliza o seu próprio corpo como protesto e como um posicionamento contra o domínio da magreza (Mello, 2014).

A própria artista sente uma pressão por o seu corpo não estar nos padrões de beleza femininos. Por esta razão, os seus trabalhos são tão focados no seu próprio corpo, sendo que este sempre foi um aspeto que lhe trouxe muito sofrimento. Segundo Mello (2014), a própria artista reconhece que “este corpo que constrói o trabalho também foi o que me levou a sofrimentos sucessivos, devido ao preconceito em relação à sua forma, pois, afinal, sou uma mulher gorda. Estas dores da exclusão levaram-me a desistir das expressões pela dança ou pelo teatro, as quais também integraram a minha formação. Expor através do corpo ficou represado. Um corpo fora do padrão deve ser contido, assim, a certa altura da vida, parei de encenar e de dançar. Esta contenção extravasou-se pelo trabalho fotográfico, através do corpo, nas suas performances. O autorretrato e a autobiografias vieram à tona”. Neste discurso, é evidente o sentimento de submissão por o seu corpo não corresponder ao corpo feminino idealizado.



Fig. 10 - *A natureza da vida*, Fernanda Magalhães, fotografia de Graziela Dies, 2011, performance

Quando a artista sai da sua terra e vai para o Rio de Janeiro para estudar fotografia, começa a sentir a opressão do corpo que não corresponde aos ideais. Emerge um desconforto com o seu próprio corpo, uma vez que nesta cidade

encontrou um exagerado culto ao corpo por parte das pessoas. Na sua prática artística, podemos observar três momentos marcantes onde o seu corpo foi moldado para o seu trabalho. O primeiro foi o sentimento de não ser aceite pela sociedade, devido ao seu corpo obeso; o segundo, foi a busca da artista pela aprovação do seu corpo e, por fim, o terceiro momento foi marcado pela sua consolidação como artista, sendo que os seus trabalhos contribuem para contestação da liderança dominante (Mello, 2014).

Magalhães tem uma fotografia que se denomina *Autorretrato no RJ* (1993), em que mostra o início da sua pesquisa com o seu próprio corpo, onde percebe o “peso” de ser obesa. Nessa representação fotográfica, a artista parece esconder-se e evitar o confronto com a própria câmara. A quem observa, esta imagem parece ser um aprisionamento do corpo que deseja a libertação. Muitos dos aspetos políticos do trabalho de Magalhães debruçam-se sobre factos da sociedade contemporânea, onde tenta repensar a liderança que a magreza tem na sociedade, ou seja, a forma como os media passam a aparência da magreza e da obesidade.

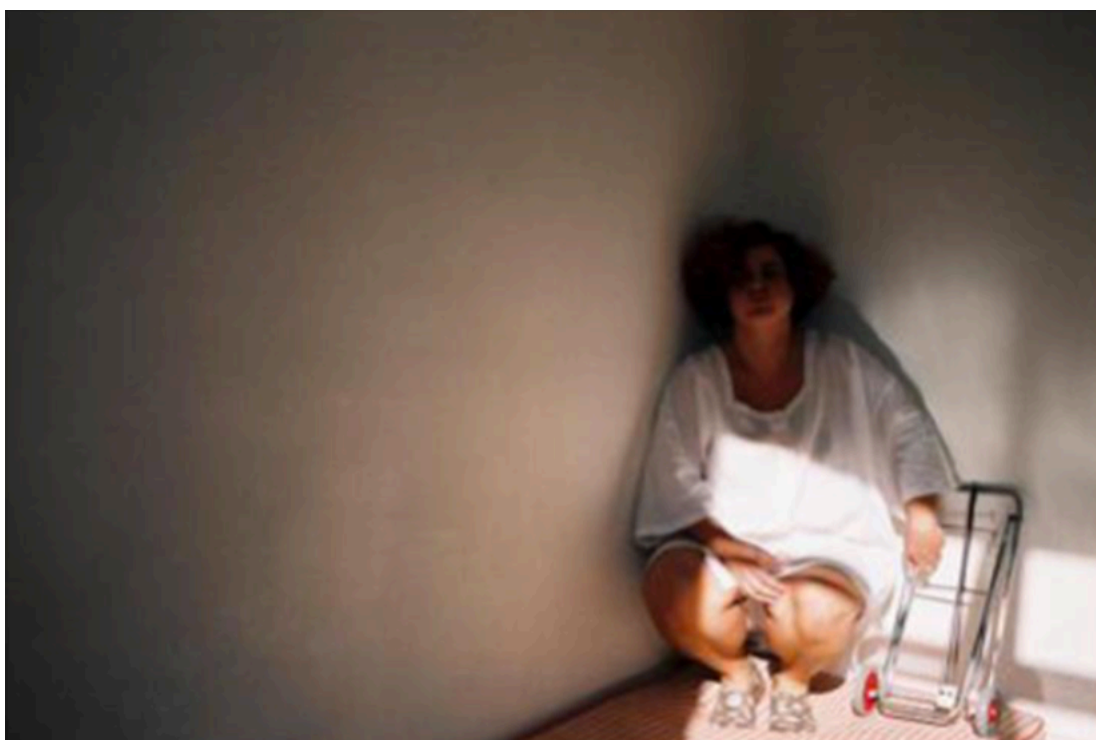


Fig. 11 – *Auto retrato no RJ*, Fernanda Magalhães, 1993, acervo da artista

Assim sendo, é possível identificar nas obras da artista uma fuga à zona de conforto e isolamento, começando a mostrar-se como um “sujeito corpo que resiste à normalização”. É desta forma que a artista passa a aumentar o seu questionamento, manifestando o seu discurso e começa a mostrar um corpo rude que revoluciona (Mello, 2014).

A arte de Fernanda Magalhães tem como papel essencial a extensão do campo político e na resultante luta contra conhecimentos dominantes. Fazendo uso do seu corpo, idealizou uma zona sensível para mostrar as suas vivências, os seus tormentos e as suas frustrações. A sua produção tornou-se mais focada nas estruturas sociais, visto que começa a observar outras pessoas e a ouvir outras vozes (Mello, 2014).



Fig. 12- *Auto Retrato no RJ*, Fernanda Magalhães, 1993, acervo da artista

A artista pretende, para além de tudo o que foi descrito, revelar a crueza do obsceno; mostrar corpos gordo que se desencontram das normas vigentes; corpos que se despem de pudor, mas nutridos com o medo da subversão (Mello, 2014).

Capítulo II – Projectos artísticos para o empoderamento das pessoas obesas

2.1. A O corpo e o preconceito: uma instalação artística contra os estereótipos sociais sobre o corpo

Imposição do corpo ideal pelos meios de comunicação social

Um dos grandes problemas para pessoas com obesidade é, sem dúvida, os meios de comunicação social, sendo que são eles que, nos dias de hoje, ditam o corpo “perfeito” que é imposto pela sociedade. A título de exemplo, quando uma pessoa obesa publica uma fotografia onde o seu corpo tenha uma grande visibilidade, a mesma tende a ser alvo de muitas críticas, pois as redes sociais tornaram-se um espaço onde cada pessoa comenta o que quer e, onde muitas vezes, não se tem em conta que isso pode magoar o outro. Vivemos numa cultura em que o mais importante não é a pessoa sentir-se bem com ela própria, mas sim ter o corpo que a sociedade impõe.

Acompanhado deste problema que são os média, surgem os *gurus* nutricionistas da internet, que por vezes não têm qualquer formação na área mas têm o poder de influenciar um elevado número de pessoas, fazendo-as crer que tudo o que eles dizem é verídico. Pessoalmente, já tentei inúmeras dietas indicadas por *influencers* e que no fundo acaba por ser um ato inconsciente, baseado numa desinformação de alguém que é admirado nas redes sociais.

No fundo, a imposição do corpo “perfeito” e a busca pelo mesmo, pode gerar outros problemas, sendo exemplo a bulimia, onde a pessoa come exageradamente e acaba por adotar comportamentos compensatórios, como a prática exagerada de exercício físico ou a indução do vómito.

Contudo as Mídias sociais não “ajudam” só as pessoas a emagrecer, mas também a ajudam as pessoas a engordar pois as pessoas começam a ser tao

dependentes da internet e esquecesse que têm uma vida, por isso começam a ser mais sedentárias pois tudo o que comem como não se gasta começa a acumular peso, neste panorama conseguimos ver muitas crianças por isso é que hoje a obesidade infantil é tao frequente, as crianças não gastam energia da maneira correta pois a mesma é gasta na frente de um computador.

Para responder a este problema, criei a série *O corpo e o preconceito*, em que utilizei lãs para fazer o tricot e algodão para encher as formas e as palavras foram feitas em ponto cruz. Esta peça foi criada no inicio do mestrado onde eu comecei a investigar diversas obras de alguns artistas como a Jenny Saville e a Joana Vasconcelos, e então comecei a desenhar pessoas gordas e lembrei-me da *Vénus de Willendorf* e foi um dos pontos de partida para conseguir esta forma estilizada do corpo gordo.

Quando comecei a fazer esta instalação decidi representar aquela que é a minha perceção face ao que a sociedade considera ser a obesidade e a forma como esta vê os corpos obesos. O objetivo é a representação de um corpo marginalizado e carregado de preconceito, mas visto de uma forma bonita onde as pessoas olhem para o meu trabalho e não consigam logo perceber que o que estão a ver foi feito por uma pessoa que sofreu um preconceito por ser gordo, e que fez aquela peça cheia de cores para mostrar às pessoas que por fora pode ser tudo muito bonito, mas que na essência as coisas não são bem assim e que aquelas imagens belas estão a passar um preconceito.



Fig. 15 - *O corpo e o preconceito*, Pedro Fernandes, 2020, lã e algodão, (medidas), coleção do autor

Distúrbios alimentares: O mínimo para viver

A título de exemplo, salienta-se um filme que retrata bem esta doença: “O mínimo para viver”, ano, da realizadora Marti Noxon (25 de Agosto de 1964, EUA), em que se aborda a temática dos distúrbios alimentares, como é o caso da bulimia e a anorexia nervosa. Retrata uma fase da vida de uma adolescente que, para além de estar a enfrentar um distúrbio alimentar, também vive num meio familiar conturbado. Os distúrbios enquadram-se num tema mais complexo e amplo do que a “simples” perda e ganho de peso. O objetivo central que a realizadora pretende alcançar é precisamente consciencializar o mundo para esta problemática que afeta cada vez mais pessoas; despertar o entendimento e compaixão para este tema tão delicado e ao mesmo tempo polémico, onde muitas vezes as indústrias de moda exercem uma grande influência.

Este filme dá relevância ao tema que se torna familiar entre muitos artistas: Katie Green é uma artista que aos 13 anos foi diagnosticada com um transtorno alimentar. Começou a desenhar para mostrar aos seus pais como se sentia, sendo esta a sua forma de se expressar. A artista compôs um livro de memórias chamado “*Lighter than a shadow*”, ano, onde retrata a sua história a partir da banda desenhada. A artista aborda a temática dos conflitos dos distúrbios alimentares, das ansiedades e pressões sofridas. Da mesma forma, Saint Hoax é um designer oriental que a partir de personagens da Disney, cria uma serie intitulada de “*The Royal Misfits*” que tem como base os distúrbios alimentares. O designer decidiu criar esta série para conscientizar as pessoas sobre o perigo dos distúrbios alimentares especialmente na infância.

Apesar dos distúrbios alimentares serem mais frequentes a partir da adolescência, crianças pequenas já foram diagnosticadas com estas patologias. Saint Hoax optou pelos personagens da Disney porque são esses personagens que as crianças têm como referência.

No início do filme é-nos apresentado que o mesmo foi feito em parceria com pessoas que sofreram de problemas alimentares, por isso inclui representações reais, mas que podem ser perturbadoras. Até certo ponto acho

que isso é interessante, pois podemos estar em contacto com situações reais deste tipo de doença, mas por outro lado acho que pode ser chocante para pessoas que estejam a sofrer do mesmo problema e quando veem o filme podem não se sentir muito bem com elas mesmas.

Por ser uma problemática que afeta não só o sexo feminino, uma das personagens é um rapaz com o mesmo distúrbio que reside na unidade de reabilitação para onde Ellen é enviada. Importa salientar a importância deste facto. Ainda que a maioria dos casos se refiram a mulheres, também os homens são afetados.

Também podemos encontrar mais cinco raparigas que vivem na mesma unidade de reabilitação que Ellen, mas não vamos conhecer muito delas nem da sua história durante o filme: na minha opinião é um aspeto negativo, pois parece que a realizadora só se quer focar na personagem principal e parece que se esquece que aquelas raparigas que vivem na casa com Ellen também sofrem de distúrbios alimentares.

A representação do rapaz no filme também é algo que fica muito além da expectativa, pois ele é um rapaz que sofre também distúrbios alimentares, mas é um papel que poderia ter sido muito explorado, mas que pouco vai adicionar à trama. Penso que o personagem masculino serve mais como um interesse romântico para a personagem principal. Não desgosto da ideia de existir um romance nesta história, mas ao mesmo tempo acho que o ar de romance não combina muito com quem sofre esta doença, pois sabemos que a maior parte das mulheres que sofrem com este problema não gostam de ser olhadas, contempladas, mas sim de tentar esconder o seu corpo do mundo que parece que só tem um ideal de beleza.

Neste filme um dos aspetos que mais me marcou foi o facto do médico que comandava aquela unidade de reabilitação não ser o típico médico que diz que tudo vai ficar bem e que eles vão recuperar rapidamente, mas sim um médico que muitas vezes deixa os seus pacientes chegar ao fundo do poço para que eles vejam como a vida tem a sua importância. No filme podemos ver que é o que ele deixa a personagem principal fazer.

Conseguimos também observar neste filme que a família apesar de sofrer muito com este longo processo, muitas vezes a própria família é a culpada pelo retardar da recuperação desta doença. No filme em questão, Ellen vive com a sua madrasta que tenta sempre arranjar uma justificação para a doença e uma das justificações que ela encontra é o facto da mãe de Ellen ter uma relação afetiva com outra mulher ou então que a anorexia pode ser uma mania para se ter controlo no que se come. Nisto podemos ver que a madrasta dela não tem muito conhecimento no assunto, pois as suas justificações não são válidas, uma vez que a anorexia vem de um problema mental onde no filme conseguimos ver alguns desses comportamentos como por exemplo contar as calorias de todos os alimentos, mastigar a comida e cuspir, vomitar sem ninguém ver, fazer exercício físico até a exaustão ao ponto de se magoarem. Um dos comportamentos que observamos Ellen a ter é sempre a medir o diâmetro do seu braço para além de estar sempre a fazer abdominais e a correr.

No fundo acho que não é por se controlar a comida ou ter uma mãe que tem um caso com outra mulher que se fica anorética, mas sim algo muito pessoal. Talvez se Ellen tivesse um pai mais presente e uma madrasta que não tentasse arranjar sempre justificativas para a sua doença a recuperação da mesma seria mais fácil.

Contudo, estes comportamentos que referi que conseguimos observar no filme podem ajudar os seus espetadores a procurar ajuda. Embora o tema em questão seja de grande relevância, há que ser cuidadoso na forma como é exposto, como por exemplo a maneira como a realizadora expõe os corpos extremamente magros e com ossos proeminentes pode levar ao desconforto do espetador. Também a constante exposição de comportamentos purgatórios pode passar uma mensagem diferente daquela que se pretende. Em idades mais jovens ocorre mais facilmente a influencia daquilo que se vê, existindo assim o risco de que, ao invés de se alertar, surjam ideias para adotar esses comportamentos, o que pode assim tornar um filme negativo.

Outro comportamento que pode levar a este tipo de doença que já quase no final do filme é dito por Luke numa conversa com Ellen é o assédio sexual e

as violações, onde Luke a questiona sobre este assunto e Ellen diz que nunca sofreu este tipo de violência, mas Luke logo a relembra de uma situação nos transportes públicos e aí Ellen começa a pensar e concorda com Luke, e conclui que esses tipos de comportamentos já lhe tinham acontecido. Muitas vezes achamos que estes comportamentos não vão ter relevância, como por exemplo um piropo na rua. Para algumas pessoas isso pode ter algum significado e até mesmo ser algo que, com o acumular de várias situações, pode vir a afetar o seu psicológico, ainda por mais se a pessoa não se sentir confortável com o seu corpo.

Uma das cenas finais deste filme é quando Ellen está a fazer uma caminhada e acaba por desmaiar e aí ela entra num momento de ilusão e na sua mente aparece Luke, estando ela ao seu lado e nesse momento ela sente-se uma mulher linda e acaba por beijar Luke e ter um momento de carinho com o mesmo, mas nisso Luke diz-lhe que ela tem que ver uma coisa e mostra-lhe do alto de uma árvore a sua imagem do seu corpo esquelético, curvado no chão. Nesse momento, ela assusta-se e volta a si e decide que vai mudar a sua vida. Com isto, questiono-me se será assim tão fácil e suficiente uma pessoa pensar seriamente acerca do assunto curar muitas questões delicadas e importantes que estão dentro da sua mente. Na minha opinião, acho que não é um sonho que vai mudar a vida desta adolescente, claro que pode ajudar para ela ter uma referência para a melhora do seu tratamento, mas se a mesma não adotar novos comportamentos, um sonho não lhe vai mudar a vida.

Da mesma forma, acho que esta cena do sonho pode ser um erro no desfecho do filme, pois estar a apresentar um romance como uma solução para este tipo de doença que no fundo é uma doença muito complexa, e não é um romance onde o amado lhe mostra a figura que ela se encontra que a vai curar, mas sim o tratamento que o médico lhe passa.

Apesar de alguns pontos positivos e outros negativos acho que a realizadora ganhou muito em mostrar a realidade que estas pessoas que sofrem de distúrbios alimentares passam, apesar de que, ela também poderia ter aprofundado mais alguns pontos da doença, mas para muitos de nós que não

temos a consciência deste problema acho que com o visionamento deste filme podemos consciencializar-nos da gravidade do mesmo.

De modo a alertar para este problema e consciencializar as pessoas através das minhas obras, criei a série "*Posso ser gordo sim!*". Utilizei faiança para moldar estas 4 peças.

Nesta série eu decidi criar 4 pessoas onde duas delas tem vergonha de ser gordos porque a gordura não é bem vista na sociedade atual pois quem é gordo é visto como uma pessoa que está doente ou que simplesmente é desleixada com o corpo, o que muitas vezes não é o caso por que as pessoas podem ser gordas pelo simples facto de gostarem de ser gordas por esse motivo criei mas duas peças onde uma dessas pessoas gosta de ser gorda mas ainda se pergunta se pode ser gorda ao contrário da outra pessoa que gosta de ser gorda e que não liga nada para os comentários que são feitos sobre o seu corpo.



Fig. 16 – *Vergonha de ser gorda*, Pedro Fernandes, 2020, Faiança, 17x8,5x9cm, coleção do autor

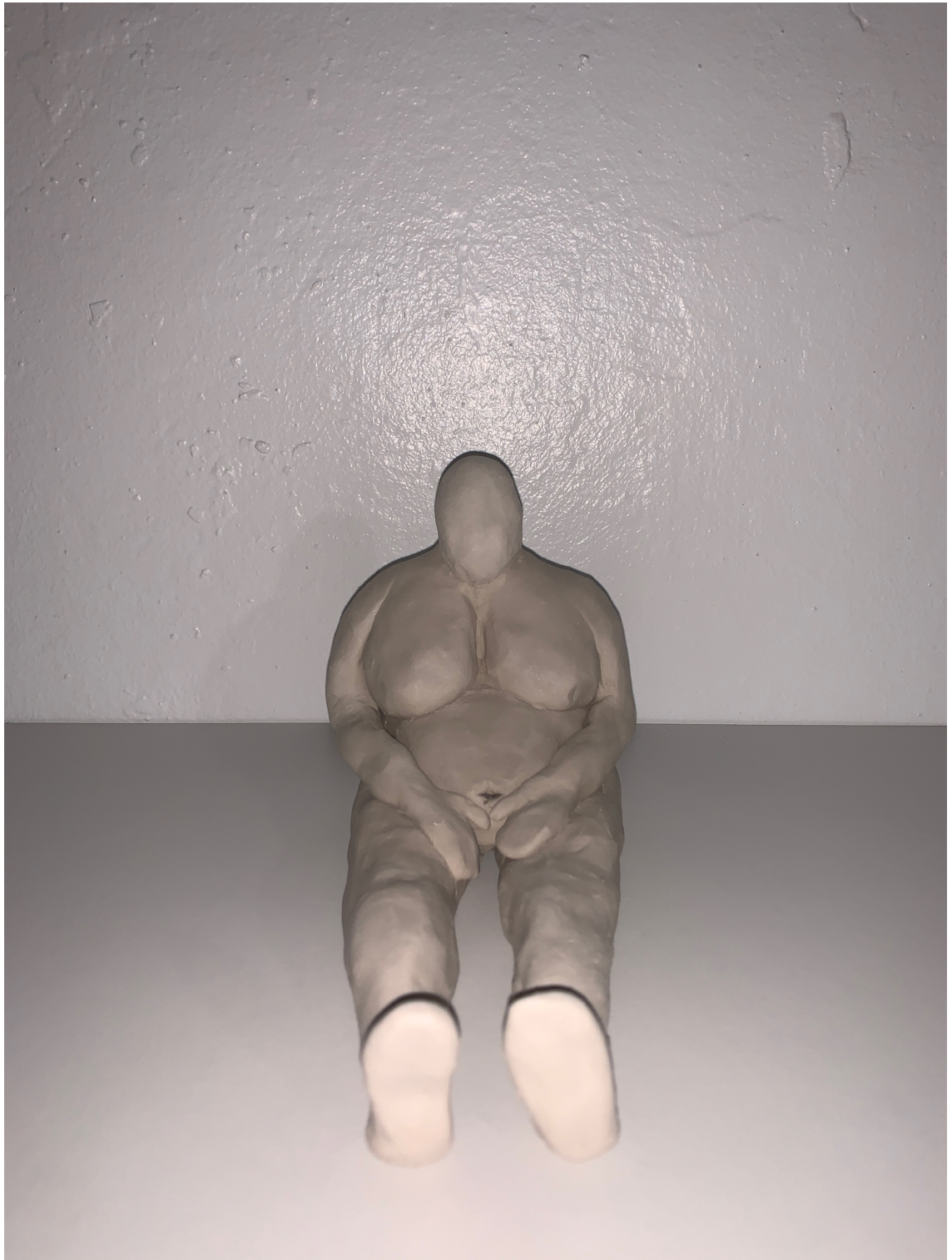


Fig. 17 – *Será que posso ser gorda?*, Pedro Fernandes, 2020, Faiança, 10x9x16cm, coleção do autor



Fig. 18 – *Vergonha de ser gordo*, Pedro Fernandes, 2020, Faiança, 19x10x9,5cm, coleção do autor



Fig. 19 – *Sou gordo e sou feliz*, Pedro Fernandes, 2020, Faiança, 8x9x22cm, coleção do autor

2.2. Matriz: serigrafias para empoderamento das mulheres gordas

A exploração do corpo da mulher gorda na sociedade neo-liberal

No mundo das redes sociais o principal alvo de críticas sempre foi a mulher, onde o corpo perfeito dito pela sociedade sempre está em primeiro plano e uma mulher que não se encaixa nesse padrão já se torna um alvo fácil de críticas.

Um dos grandes fatores que leva a mulher gorda a sentir-se diferente das outras mulheres é a publicidade, pois quando nos deparamos com alguma publicidade de roupa, por exemplo, a mulher que está representada é a mulher que se encaixa no corpo perfeito, levando à ideia do quão fechado é o nosso mercado da moda.

Um artigo de Susie Orbach intitulado *Quarenta anos desde que a Gordura é uma Questão Feminista* (2018), representa esta questão, defendendo as mulheres, no respeitante às indústrias ocidentais atuais, nomeadamente à moda, cirurgia plástica, farmacêuticas, e a internet.

No respeitante à Internet, a autora salienta que nos dias de hoje esta está a provocar o aparecimento de problemas psicológicos e de autoestima em muitas pessoas, na medida em que pessoas que viviam bem com os seus corpos no passado, hoje em dia, devido a serem confrontadas permanentemente com dezenas de digital *influencers* cujos corpos são moldados de acordo com os padrões estéticos de perfeição ocidentais atuais, ou seja, jovens, magros e musculados, deixaram de acreditar em si mesmas. Este problema encontra-se tão presente no mundo das mulheres como no mundo dos homens, porque apesar de se pensar que os homens muitas vezes são muito seguros de si mesmos e que não ligam a essas coisas da moda e dos padrões de beleza, a realidade é que, nos tempos em que vivemos, o padrão de beleza é cada vez mais um carrasco para todas as pessoas. A diferença corporal que não se conforme ao padrão da moda em vigor nem sempre é bem aceite e incomoda

profundamente quem não sabe viver com essas diferenças tanto mulheres como homens, devido à pressão e estigmatização sociais.

Quando a autora fala da indústria da moda e refere que “A penetração da cultura visual diz que a nossa aparência é tão essencial para a nossa existência que temos de gastar, gastar, gastar” (Orbach, 2018, p. 4), isto significa que nos dias de hoje as pessoas estão tão inseguras de si que não conseguem não obedecer ao padrão que a sociedade impõe, tanto no que se refere ao corpo como também à roupa. Nesse sentido, se uma pessoa não possui aquela peça de roupa ou aqueles sapatos e não se gasta grandes quantias de dinheiro em roupa, não a vão enquadrar e aceitar socialmente.

De facto, hoje em dia, a influência e presença da cultura visual na vida das pessoas, como refere Susie Orbach, é enorme. Claro que depois emerge outra vez o padrão do corpo criado pela própria indústria da moda, porque os criadores de moda, ao longo da sua história, só fazem roupas para pessoas com um determinado tipo de corpo padrão. Nas lojas de *fast fashion* atuais, as roupas não são confeccionadas peça a peça como antigamente, mas sim por máquinas e trabalhadores explorados e pagos a um baixo custo como, por exemplo, na China e no Bangladesh. Como a própria escritora advoga, a indústria da moda consome 26% do orçamento do carbono. Assim, pessoalmente, acho que esta indústria poderia confeccionar mais tamanhos, basicamente alargar o padrão da loja para uma variedade de consumidores e assim as pessoas não iriam ver a moda como um dos maiores inimigos “dos gordos”, das pessoas que não obedecem a padrão corporal em vigor! Salienta-se que estes padrões corporais servem sobretudo as grandes indústrias capitalistas neo-liberais. Estas, ao criarem uma permanente insatisfação nas pessoas por não conseguirem alcançar os modelos irrealistas permanentemente veiculados nos *media*, sobretudo nas mulheres, levam-nas a gastar elevadas quantias em roupa e cosméticos.

Outras indústrias que exploram esta insatisfação relativamente ao corpo, são a indústria da cirurgia plástica e as farmacêuticas: a cirurgia plástica hoje em dia é uma das grandes “alternativas” para corrigirmos o que pensamos que está

errado com o nosso corpo por não corresponder aos padrões em vigor. Tanto as mulheres quanto os homens, são influenciados por exemplos veiculados pelos media de pessoas que eram obesas e que com as cirurgias de redução de estômago, lipoaspirações, abdominoplastias conseguiram o corpo considerado perfeito. Consequentemente, essas pessoas vão procurar meios para conseguirem realizar esse tipo de operações porque desejam tanto atingir o corpo perfeito a qualquer custo para serem aceites socialmente que não conseguem prever os problemas de saúde que estas lhes pode trazer.

Nas industrias farmacêuticas, muitas vezes sabemos de determinado medicamento que conseguiu emagrecer uma pessoa que estava muito acima do peso e que depois de consumir o mesmo por um tempo conseguiu emagrecer e atingir o corpo desejado, e isso é igual à cirurgia plástica, pois as pessoas nem sabem os componentes do medicamento, não sabem se é verdade o que a publicidade mostra mas mesmo assim compram, usam e depois arrependem-se pois o mesmo pode não dar resultado e pode vir a trazer problemas piores no futuro.

Todas estas indústrias que Susan Orbach refere têm o mesmo problema como a indústria da publicidade que ganha muito dinheiro para criar publicidades que as pessoas por vezes não conseguem distinguir se a mesma é enganosa ou não, pois determinadas publicidades fazem parecer as coisas tão fáceis e as pessoas observam isso como uma alternativa muito fácil para mudar o que acham que está de errado com o seu corpo.

Susan Orbach (2018) também trata da gravidez e da publicidade: a gravidez deveria ser um momento sem preocupações, mas quando se fala em publicidade e também em *internet*, também estas mulheres são bombardeadas de publicidades relacionada com, por exemplo, exercícios para o pós parto objetivando alcançar o corpo que tinham antes de engravidar.

Este artigo reflete muito bem o que acontece nos dias de hoje e são claros os erros que se cometem ao longo do tempo com determinadas publicidades enganosas, levando a que a população tente, por diversas formas, encontrar o corpo perfeito que é imposto pela sociedade. Como eu existem muitas pessoas

que apesar de não se sentirem mal com o próprio corpo, ao verem a imagem do corpo “perfeito” tentam por todos os meios chegar a essa imagem.

Dentro do meio das redes sociais também conseguimos encontrar mulheres gordas que elevam a autoestima de outras mulheres gordas. Uma das *influencers* que faz esse trabalho na perfeição é Jéssica Lopes do canal do Youtube *Famme Fatale By Jeh*.

Jéssica Lopes é uma influencer brasileira de 27 anos que começou o seu canal de youtube em 2009, no seu vídeo *Minha relação com a comida: dietas, transtornos e equilíbrio*, relatando a sua experiência com as críticas por ser gorda, conta que sempre foi uma criança que gostou muito de comer, mas vivia com a essa culpa, pois desde muito cedo foi ensinada a odiar o seu corpo, não se encaixando no padrão social de corpo perfeito. Desde muito cedo começou a fazer dietas; dietas essas que trouxeram se acompanharam de transtornos alimentares. Lopes conta que muitas vezes lhe apetecia comer um chocolate e, por estar de dieta, tentava controlar-se. No entanto, quando chegava ao limite desse controlo, descontrolava-se e comia tudo sem parar até passar mal, sempre com o sentimento de que estava a fazer algo de “errado”, acabando por forçar o vômito para expulsar tudo o que tinha comido dentro dela.

Advindo disto, ela começa a ter uma relação tóxica com a comida e começa a sentir-se culpada por ser gorda, resultando tudo isto numa anorexia onde a *influencer* chegou a pesar 47kg. A mesma relata que nessa altura tinha no seu quarto um bloco de notas que continha todas as calorias de cada alimento, de cada refeição diária e das calorias que ingeria.

Chegou uma altura da sua vida que decidiu aceitar o seu corpo; porém, nem tudo parecia bem, pois ela aceitava o seu corpo, mas a sua alimentação começou a ser muito má, baseando-se em comida congelada e *fastfood*, surgindo mais problemas de saúde.

Em 2014 decide começar uma reeducação alimentar, escolhendo melhor os seus alimentos e adotando um estilo de vida mais saudável. Mais uma vez, Lopes acabou por emagrecer muito e, no fundo, não era esse o objetivo da reeducação. A partir desse momento, deixou de criar metas para o seu corpo,

pois todas as metas que tinha criado serviram sempre para “maltratar” o seu corpo.

O ano de 2016 foi um ano onde Jéssica Lopes decidiu iniciar a prática de exercício físico e começou a mostrar nas redes sociais, onde as pessoas começaram a ver os seus resultados e começaram a elogiá-la; parecia estar feliz e saudável, no entanto, essa felicidade não era plena. A *influencer* refere estar mal mentalmente, pois toda essa perda de peso foi refletida na sua ansiedade onde dá o exemplo que muitas vezes as coisas não estavam a correr como era esperado e então começava uma crise de ansiedade que resultava no vômito.

Hoje, Jéssica Lopes diz que conseguiu achar um equilíbrio na sua vida e deixou de associar a perda de peso a saúde.

Mesmo depois de contar a sua história, continua a receber críticas onde é acusada de romantizar a obesidade; contudo, também toda a sua história serviu para ajudar outras mulheres que estão a passar ou que passaram o mesmo que ela. Atualmente, em parceria com algumas empresas de *fast fashion*, começou a criar roupas Plus Size, para todas as pessoas se sentirem bem com o que vestem.

Porém, apesar de existirem mulheres que se aceitam e mostram nas redes sociais que gostam do seu corpo, outras já não o conseguem fazer. Assim, também o mundo dos media, deveria ser composto por pessoas que tentam elevar a autoestima das mulheres gordas.

Como consequência da presente investigação sobre esta questão realizei um conjunto de serigrafias intitulada de matriz para o empoderamento da mulher gorda, utilizei uma matriz de um desenho que deu vida à instalação *O corpo e o preconceito* onde eu passei esse desenho para cartão e realcei as formas com linha, e cobri com fita cola de prata. Decidi criar este conjunto de serigrafias pois se uma mulher magra na sociedade atual já é discriminada, a mulher gorda sofre um preconceito ainda maior, por isso decidi criar estas serigrafias para mostrar que a mulher gorda não precisa de estar nos padrões sociais para ser representada como algo bonito.

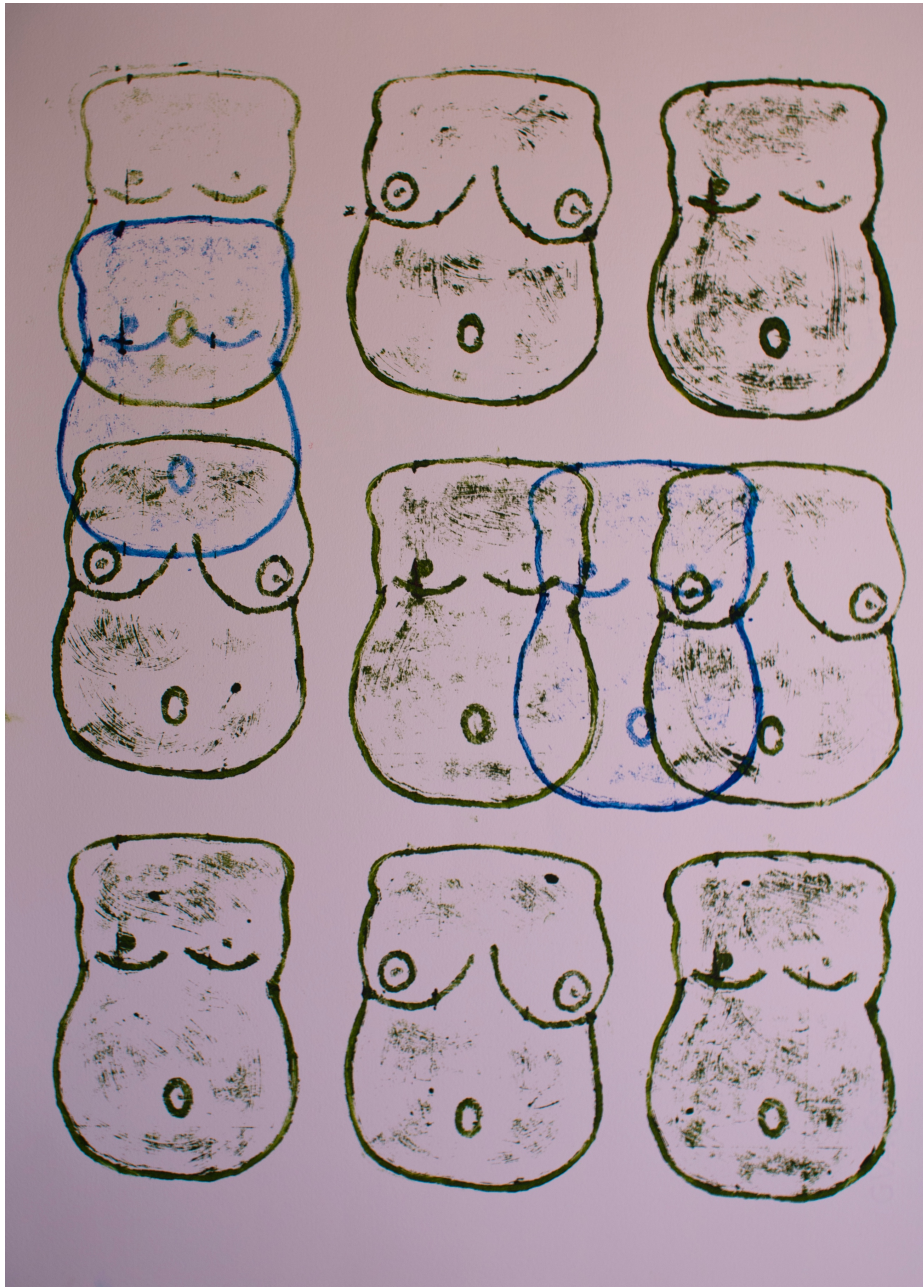


Fig. 29 - *Matriz para o empoderamento da mulher gorda I*, Pedro Fernandes, papel de 300g, tinta de óleo, 70x50 cm, coleção do autor

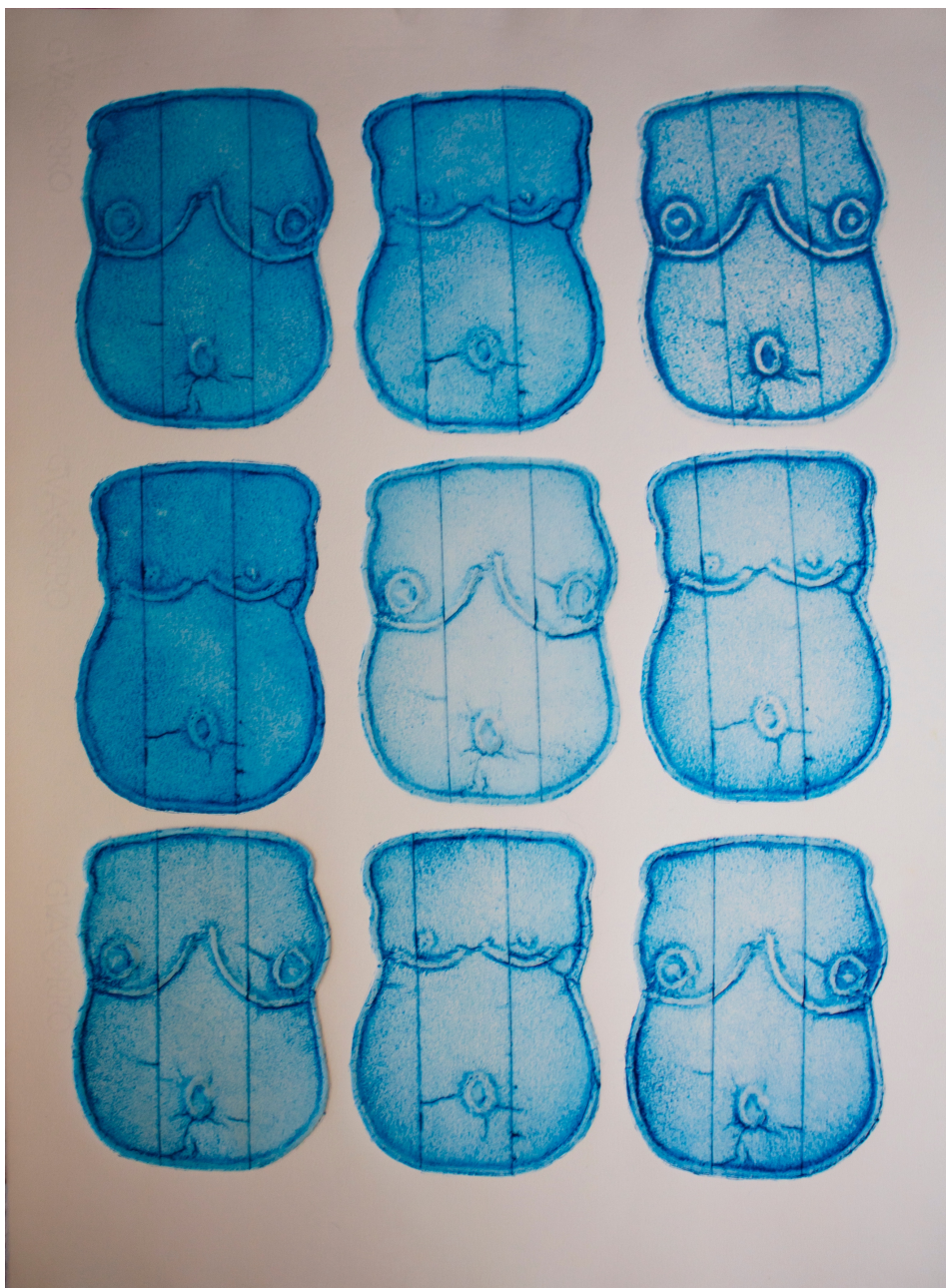


Fig. 30 – *Matriz para o empoderamento da mulher gorda II*, Pedro Fernandes, papel de 300g, tinta de óleo, 70x50, coleção do autor

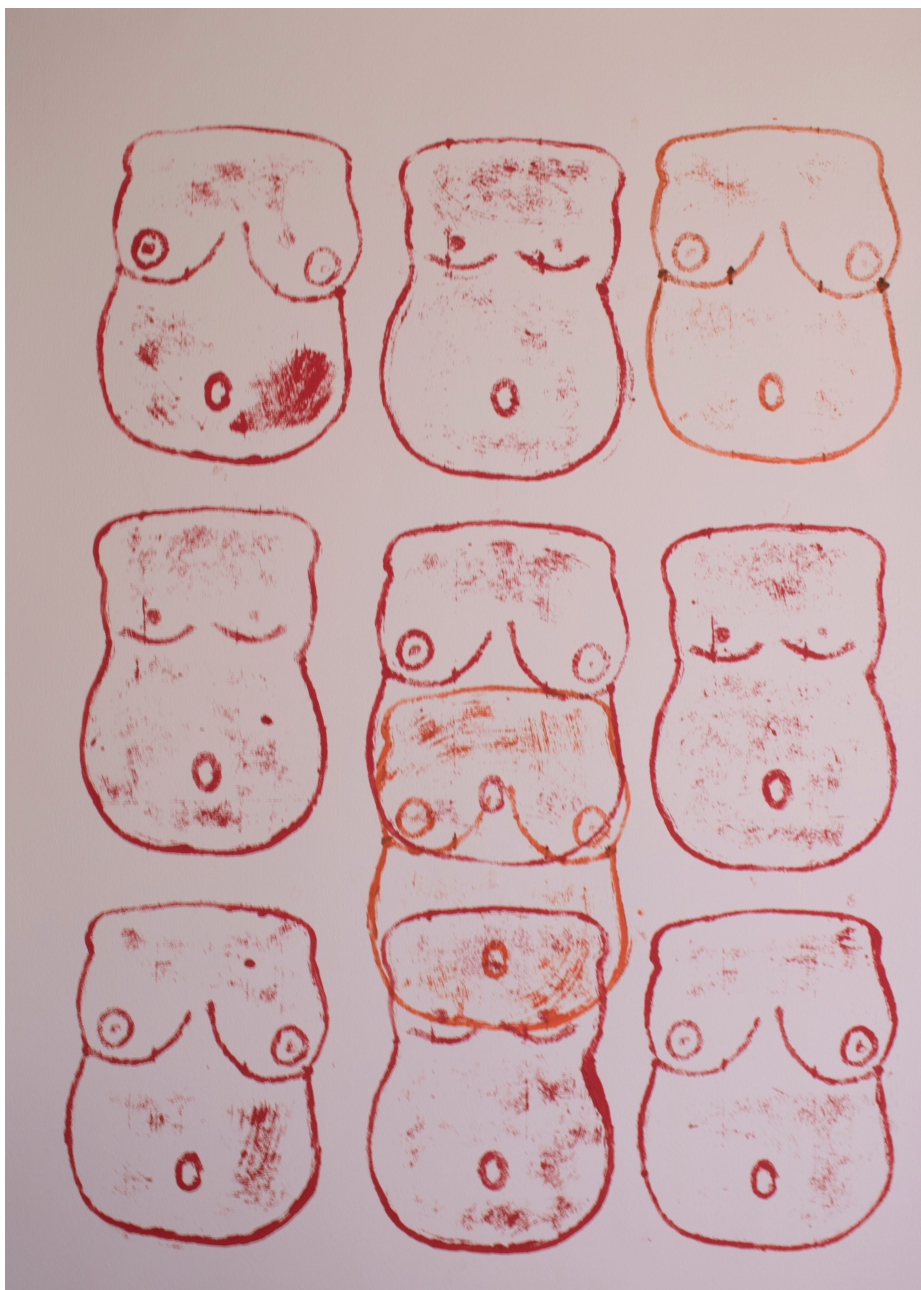


Fig. 31 – *Matriz para o empoderamento da mulher gorda III*, Pedro Fernandes, papel de 300g, tinta de óleo, 70x50, coleção do autor

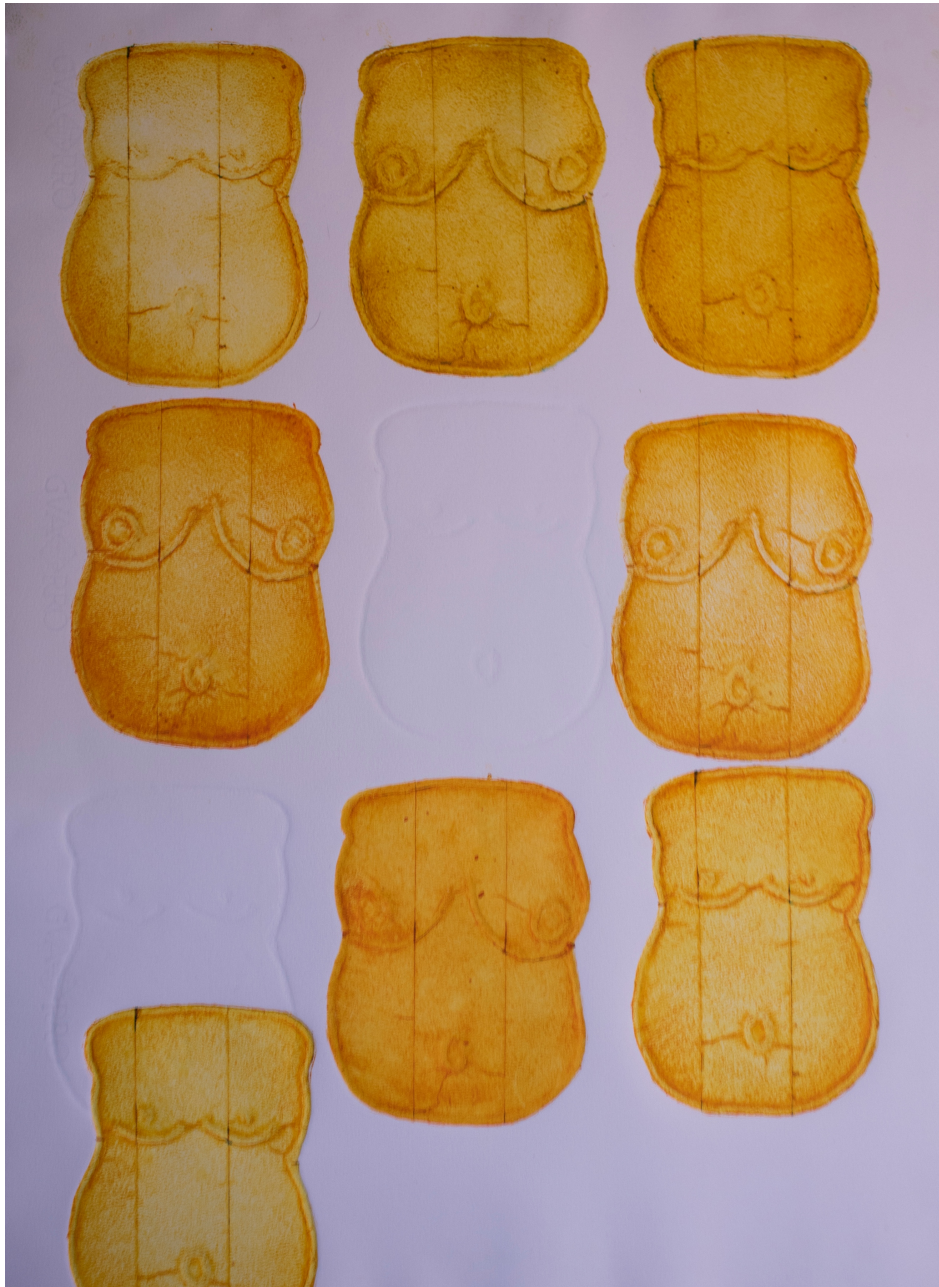


Fig. 32 – *Matriz para o empoderamento da mulher gorda IV*, Pedro Fernandes, papel de 300g, tinta de óleo, 70x50, coleção do autor

Capítulo III – O Preconceito: uma pintura para o empoderamento

3.1. O preconceito

O preconceito é definido por uma opinião negativa em relação a alguém que tem como único objetivo ferir os sentimentos de outros. O preconceito também pode ser definido por uma ideia ou um julgamento antecipado sem qualquer fundamento. (WIKIPÉDIA – preconceito, 2020).

Preconceito com a obesidade também conhecido como estigma social com a obesidade caracteriza a maneira preconceituosa que determinadas pessoas julgam os outros por terem excesso de peso. Este estigma social também pode ser designado como *fat-shaming* ou gordofobia. (WIKIPÉDIA – gordofobia, 2020).

O preconceito, tanto com pessoas gordas como com pessoas que não se insiram nos padrões da sociedade, muitas vezes não é somente notório nas ruas. Várias vezes as pessoas são alvo de preconceito em sítios que exigem mais respeito, como no próprio local de trabalho, onde muitas vezes os gordos são notados como não tendo a mesma capacidade de concretizar a mesma tarefa que as pessoas mais magras; no médico onde as pessoas muitas vezes vão por terem algum problema, mas o que salta a atenção é somente a pessoa ser gorda, e todas as doenças se resumem à pessoa ser gorda. Pessoas gordas que são alvo de preconceito muitas vezes isolam-se e, por vezes, cometem o suicídio porque o receio de serem alvo de ataques físicos e psicológicos é tao grande que a pessoa prefere acabar com a sua vida.

3.2. A sociedade e o preconceito

Como já referenciado em capítulos anteriores, a evolução do corpo e a própria visão sobre o mesmo, foi evoluindo ao longo do tempo. Contudo, ainda em pleno século XXI, o preconceito é algo evidente no que toca ao tema da obesidade e do corpo gordo. Alguns autores, em várias áreas, e até mesmo (e cada vez mais) influencers vão normalizando estes temas.

Assim, apresento dois casos onde o corpo gordo é visto de forma a abolir e outro caso onde o corpo gordo é visto como belo.

No primeiro caso recorro a um artigo publicado no The Guardian intitulado de “*Diet advice and tiny seats: how to avoid 10 forms of fatphobia*” de Virgie Tovar (2018), onde a autora relata um pouco das suas experiências com a gordofobia e refere que ser gorda mudou muito a sua vida.

Neste artigo, Tovar salienta que vários pesquisadores descobriram que a gordofobia pode levar várias pessoas à depressão, à diminuição de oportunidades de emprego e que muitas vezes as pessoas têm a sensação de que não são bem-vindas à sua cultura.

A gordofobia foi-se demonstrando na sua vida de formas diferentes, como por exemplo quando os homens a abordam para começar um relacionamento sexual em privado com ela, mas não com o intuito de se tornar um romance público ou então em oportunidades de emprego onde as progressões de carreira estão condicionadas, pois as entidades patronais associam a gordura à preguiça.

Neste artigo, são citados 10 casos onde a gordofobia é mais comum e que a afetam pessoalmente: primeiramente, a não valorização do esforço da pessoa que tenta emagrecer/mudar o estilo de vida. A autora lembra-se de ir ao médico quando tinha 11 anos, depois de passar o verão todo a fazer “dieta”. Só comia torradas e alface e fazia duas a três horas de exercício diário, na esperança de passar o último ano da escola primária sem receber provocações. No dia em que foi ao médico, estranhou o médico nem sequer expressar preocupação por ela ter perdido tanto peso. Ele simplesmente lhe deu os

parabéns e disse que ela estava num bom caminho e ainda lhe deu a possibilidade de, se ela perdesse mais peso, um dia poder namorar um dos seus filhos. Neste primeiro ponto, Tovar também conta que conheceu uma mulher que para manter o corpo magro, começou a usar drogas, e no auge do seu vício era onde ela recebia mais elogios, pois estava magra.

Ela dá um conselho muito importante em relação à frase “você perdeu peso”, pois muitas pessoas ao ouvir esta frase sabem que estão a ser observadas e que lhes estão a julgar o corpo, então ela diz que para não abordarmos as pessoas com linguagem que não se concentre no peso ou no corpo de outros, pois nós não temos ideia do que as pessoas estão a passar nas suas vidas. Ao pararmos de usar essa linguagem podemos criar um ambiente onde qualquer pessoa, gorda ou magra, possa coexistir sem ter a sensação que alguém está a observar o seu corpo;

Em segundo lugar, as pessoas acima do peso tentam sempre religiosamente evitar determinados aspetos na hora de tirar fotografias ou até, muitas das vezes, evitam fazê-lo. Contudo, Tovar salienta que o mais importante naquele momento é capturar uma emoção, pois estamos a fotografar uma pessoa que tem a sua complexidade, não um objeto;

Em terceiro lugar, para muitas pessoas gordas, antes de pensarem em sair de casa para ir comer a um restaurante, elas têm que se perguntar se o restaurante escolhido tem espaço entre a mesa e a cadeira, se o assento é fixo ao chão ou se as cadeiras não são pequenas de mais ou frágeis de mais. Essas são questões que muitas vezes levam muitas pessoas a desistirem de sair para um jantar social. Muitas vezes a questão de o assento ser pequeno não esta só direcionada para os restaurantes, mas as próprias salas de aula onde as cadeiras são todas do mesmo tamanho e a isso podemos chamar de gordofobia estrutural. Segundo Tovar (2018), “é o que acontece quando criamos estruturas baseadas em suposições sobre quais corpos pertencem a quais lugares”.

Também a “discriminação romântica” é um dos casos onde é evidente a gordofobia: apesar de muitas pessoas pensarem que as decisões românticas se dão pela biologia evolutiva, mas na realidade a escolha de um parceiro na maior

parte das vezes depende do aspeto físico da pessoa. Tovar dá o exemplo da Mauritânia onde a gordura é um ideal de beleza. Aí as pessoas gordas não iriam ter dificuldade em conseguir um parceiro(a). Dentro da sociedade aprendemos o que é bonito e o que se encaixa nos padrões, dentro disso consegue-se saber o que devemos evitar num parceiro(a). Virgie diz que apesar de se “ser” treinado socialmente para encontrar o parceiro perfeito, deve-se dar mais importância à sensação de segurança, aos valores e à química que o parceiro lhe pode proporcionar. A atração entre pessoas é mais importante do que cada um corresponder aos ideais de beleza;

Neste artigo, Tovar exemplifica ainda esta questão da gordofobia com uma situação que ocorreu consigo: num dia, no autocarro com um grupo de adolescentes, eles apontaram o telemóvel para se e começaram a tirar selfies. Ela conseguiu ver que eles estavam a tirar fotografias à sua cara e que estavam a rir e a gozar com ela. Outra situação foi quando ela abordou uma mulher magra que estava a ocupar três assentos, questionado se se poderia sentar e a mulher começou a insultá-la.

Quando estes casos acontecem, o ideal seria tentar interromper estes comportamentos e não perpetuar atos preconceituosos.

Ainda no artigo, também é referido o facto de as roupas para as pessoas gordas serem cada vez estão mais escassas, pois as pessoas gordas têm menos tamanhos a que possam recorrer. Tovar conta que ao candidatar-se a um emprego onde tinha que usar roupas mais profissionais, teve muita dificuldade em encontrar roupa que ela gostasse e que se enquadrasse ao seu tamanho de corpo. Ela também conta um caso de uma amiga que teve um distúrbio alimentar, pois ela ia casar e não encontrava nenhum vestido para o seu tamanho, então muitas vezes ela pensou se merecia ser noiva. Nestes casos o mundo da moda e a fast fashion deviam ter como objetivo criar roupas onde todas as pessoas se sentissem bem e que se pudessem enquadrar em qualquer ocasião.

Comumente a esta situação, a moda quando cria determinada peça de roupa que pessoas magras e gordas a possam vestir, essa mesma peça de roupa pode ser entendida de formas diferentes na sociedade. Em forma de

exemplo: umas calças mais largas na pessoa magra podem levar a que se pense que a mesma vá fazer exercício, já a pessoa gorda é na maior parte das vezes entendida como desleixada.

Felizmente, ao longo do tempo, a percepção que se tem do corpo gordo vai evoluindo positivamente. No entanto, estudos indicam que pessoas magras e até mesmo pessoas gordas evitam namorar ou ser amigo de pessoas gordas por o simples facto do medo das críticas publicas.

Tovar conta que conheceu uma pessoa que adorava o seu corpo, mas que por ser gorda tinha vergonha de a levar a encontros na esfera pública, pois ele não tinha coragem de ser visto com ela.

Neste ponto do artigo, Tovar fala de um estudo publicado em 2014 pelo jornal *Appetite* intitulado de “Estudo do traje gordo” onde eles tinham o mesmo ator que usava um traje para parecer gordo. O estudo consistia que o ator fosse ao mesmo restaurante com e sem traje de gordo: quando estava sem traje de gordo, as pessoas serviam menos massa e mais salada no seu prato; porém, quando ele usava as próteses para parecer gordo, as pessoas serviam mais massa do que salada e por esse motivo, foi rotulado que estar perto de uma pessoa gorda inspira a que as pessoas exagerem mais na comida.

É importante que as pessoas gordas comecem a impor limites no que diz respeito ao comportamento de outras pessoas com elas só por serem gordas. Nisto também é importante que as pessoas magras se interroguem o porquê de ter medo de se relacionar com uma pessoa gorda.

Neste artigo, faz-se ainda referência aos comuns conselhos que se dão para perder peso. Muitas vezes, pessoas gordas, com dificuldade em emagrecer, encaram os ditos conselhos não como construtivos e acabam por fazer a pessoa sentir-se pior.

Tovar dá como exemplo um conselho que uma pessoa que não a conhecia de lado nenhum lhe deu: quando estava a beber um café um estranho abordou-a e disse-lhe para reduzir na carne de porco que a ia ajudar a perder algum peso.

Esse tipo de conselhos tem que acabar, pois as pessoas não têm que ser constantemente bombardeadas com dicas para chegarem ao corpo que a sociedade diz como perfeito.

Por último, Tovar faz ainda referência à discriminação médica, onde na maior parte das vezes observamos médicos que dizem que todo o mal que as pessoas gordas têm é simplesmente por serem gordas, e que se emagrecerem os problemas passam. A autora conta que uma mulher lhe enviou uma história, relatando que foi ao médico com suspeita que tivesse algum problema sério no seu útero, mas que os médicos sem a examinar disseram que ela tinha um problema de síndrome do ovário policístico. Passados três anos ela descobriu que tinha um tumor e que poderia ter sido tratado antes. Não podemos inserir todos os médicos nesta discriminação, mas este tipo de situações tem que parar, pois nem todos os problemas dos gordos é a gordura.

Com este artigo de Virgie Tovar conseguimos ter uma noção mais clara de que a gordura não é o único problema do gordo, mas sim a sociedade que o rodeia.

Em contrapartida, a gordura não é só vista como algo negativo: no vídeo publicado no Youtube pelo The Guardian intitulado de “*Sex workers take steroids - Bangladeshi sex workers 'plump up' for clients | Guardian Investigations*” (2010), temos uma visão diferente da gordura, apesar de neste caso a gordura ser usada como meio para ganhar dinheiro. Este documentário é passado num dos bordéis mais conhecidos do Bangladesh na cidade de Faridpur, onde mulheres menores são vendidas pelas suas famílias por duzentas libras e são obrigadas a trabalhar e não recebem por isso.

Neste documentário acompanhamos a vida de uma jovem menor de idade chamada de Asha que, apesar de ser menor de idade, trabalha sete dias por semana e atende os clientes todo o dia. Ela ganha uma libra por cliente, porém ela não vê nenhum dinheiro, pois todo o dinheiro que ela ganha tem de entregar à sua senhora (dona do bordel).

Asha apesar de ser ainda uma jovem ela sente a pressão de parecer atraente. Ao contrário das mulheres de outras partes do mundo, Asha não quer

ser magra, mas sim gorda, porque acha que ao engordar vai-se tornar mais atraente para os seus clientes. Para isso, ela toma um medicamento esteroide usado no Bangladesh para engordar as vacas mais rapidamente, contudo não é só Asha que toma este fármaco. Todas as raparigas daquele bordel tomam, porque a senhora do bordel precisa que elas engordem para maximizar os seus lucros.

Elas conseguem um comprimido deste esteroide por apenas um penny e não precisam de receita médica para o adquirirem.

Como o Bangladesh é um país pobre onde a maior parte das pessoas é desnutrida por a pobreza o corpo gordo é visto como algo saudável e atraente.

3.3. Eu e o preconceito

A escolha do tema em questão, surge sobretudo com a iniciação deste capítulo. Sentir na pele o que é o preconceito, fez com que me inspirasse para este trabalho final.

Desde há muito tempo que sinto que sofro preconceito por ser gordo, pois sempre fui uma pessoa acima do peso. Em criança, recordo-me de familiares e amigos dos meus pais dizerem que tinha de fazer dieta e que estava muito gordo, que era muito novo para ser assim e que podia estar a prejudicar a minha saúde. Contudo, talvez pela idade, nunca dei importância para o que as pessoas diziam.

Os anos passaram e, por volta dos meus 10 anos de idade, um dia chego da escola a arder em febre. Os meus pais foram comigo para as urgências pediátricas do hospital e quando fui chamado pela médica para ver o que se passava comigo, a mesma pediu que tirasse a blusa para me auscultar. O primeiro comentário que ouvi foi que estava muito gordo para a idade e que tinha que emagrecer. Pior que isso, chamou algumas colegas para me verem, o que gerou alguns risos. Nesse momento senti vergonha do meu corpo, só me queria vestir e ir embora.

O real problema que me tinha levado até lá foi colocado de lado por instantes e o meu peso passou a ser o cerne da questão. Foi a partir desse momento que comecei a sentir o preconceito por ser gordo, no entanto tentei sempre que não me afetasse pois ainda era muito novo.

Quando fui para o 2º ciclo, comecei a sentir novamente preconceito por parte dos meus colegas de turma por ser gordo, mas não me afetava psicologicamente. Nas aulas de educação física, quando o professor propunha alguma atividade coletiva, eu era sempre o último a ser escolhido, o que acabou por se tornar num hábito e eu já nem ligava. Porém, quando transitei para o 7ºano, decidi entrar no desporto escolar como atividade extracurricular, começando a jogar voleibol. No início não foi fácil, mas com o tempo comecei a gostar e o melhor retorno que o voleibol me trouxe foi que, nas aulas, quando a atividade era este desporto, eu não era o último a ser escolhido.

Tudo parecia estar a ficar bem, pois tinha descoberto uma atividade física que gostava e já não me sentia tão excluído nas aulas de educação física. Contudo, nas férias de verão do 9ºano foi quando tudo começou a mudar novamente. Os meus pais receberam um telefonema da escola, com a proposta para eu ingressar num curso especializado em artes para os alunos que queriam completar o 9ºano sem ter de fazer os exames nacionais. Como estudar artes sempre foi um sonho para mim, a proposta pareceu-nos ir de encontro ao que eu procurava. Na reunião, ao ver a relação já existente entre os colegas de turma, fiquei ainda mais animado, pois parecia-me que a integração ia ser positiva.

No dia da apresentação, ao entrar na sala, deparo-me com pessoas diferentes daquelas que estavam na reunião inicial. Estes miúdos eram conhecidos por serem maldosos para os colegas, mas ainda assim quis acreditar que tudo ia correr bem, e que teria de me adaptar a eles, tal como eles a mim; porém, estava completamente enganado. No primeiro dia de aulas foi quando comecei a conhecer o *bullying*: as nossas aulas eram numa sala que se localizava na parte de baixo da escola perto do campo de futebol, onde existiam dois acessos para essa sala - um por umas escadas o outro por uma rampa.

Nesse primeiro dia, decidi ir por as escadas, e foi o suficiente para ouvir um dos rapazes a gritar “tens mesmo que ir por aí, estás muito gordo”. Recordo-me que não olhei para trás e que não liguei ao que ele disse. Dentro da sala, ao fazer a minha apresentação para os professores, ouvi novamente um comentário: “agora é a vez do gordo”. Olhei para os professores e eles só acenaram para que continuasse, mas o que eles não sabiam era que aquele massacre psicológico ir continuar.

As aulas de educação física eram, para mim, as piores, pois tinha que vestir/despir o equipamento perto deles e era sempre um gozo para comigo. Também nos aquecimentos destas aulas, recordo-me que corriam perto de mim e diziam que eu tinha que emagrecer que na turma deles não podia haver ninguém gordo e se eu não tinha vergonha do meu corpo.

As ofensas começaram a ser tão constantes que todos os dias, quando ia dormir, chorava por horas e quando acordava não queria voltar para a escola, já sabia que ia ouvir mais ofensas. Na segunda semana de aulas, a pressão já era tanta e eu só pensava no que podia fazer para emagrecer e para acabar com o inferno que estava a viver, então, num determinado dia, a caminho de casa passei por uma ponte, onde era habitual passar, e lembro-me de subir a escada para a ponte e pensar que a única solução para aquele sofrimento seria acabar com a minha própria vida. Não tive coragem para o fazer, pois pensei nos meus pais e o quando eu gosto deles, e lembro-me de parar e pensar que eu estava a ser egoísta, pois eu ao acabar com o meu sofrimento iria começar a causar sofrimento nas pessoas que mais amo na vida.

Quando cheguei a casa decidi falar com a minha mãe, mas no momento em que eu estava pronto para falar, comecei a chorar e a dizer que não queria mais voltar para a escola. A minha mãe começou a me acalmar e eu contei tudo pelo que estava a passar e o que me tinham feito naquele curto espaço de tempo de duas semanas. Apesar de nunca me terem agredido fisicamente, fizeram algo muito pior: agrediam o meu psicológico. Os meus pais decidiram que no dia seguinte não iria à escola e que eles falariam com a diretora da escola de manhã.

A situação foi reportada à diretora da escola por mim, individualmente, a pedido da própria. Contudo, a resposta que obtive foi que era (a professora) pioneira daquele curso, que tinha que ter alunos e que eu não podia sair assim porque poderia prejudicar a escola e que o filho dela também já tinha tido pessoas problemáticas na turma e que sempre aguentou, portanto eu também tinha que aguentar. Apesar de tudo o que lhe pudesse dizer, a professora defendia a sua posição de que eu tinha que aguentar e que se eu não fizesse aquele curso eu não conseguiria fazer os exames nacionais e que nunca iria ser alguém na vida. Recordo-me que foi um dos piores momentos. Não bastava todo o preconceito por parte dos colegas, senão também esta atitude de um adulto a perpetuar tamanha maldade.

Nesse momento comecei a chorar e recusei-me a permanecer naquela turma. No dia seguinte, fui levado à minha nova sala de aula por uma senhora administrativa, uma vez que a diretora nem para mim quis olhar.

Depois desse dia, tudo parecia começar a correr bem, mas durante uma semana, sempre que os rapazes do curso antigo passavam por mim, o gozo mantinha-se. Por já não ser da turma deles, já não dava tanta importância.

Durante todo o ano letivo, só tive na minha cabeça as palavras da diretora da escola que dizia que eu não ia passar nos exames e que não ia ser alguém. Esforcei-me ao máximo e os resultados foram positivos. Este acontecimento gerou em mim um sentimento de orgulho. Depois desse ano olhei para mim e disse que me ia aceitar como sou e que não ia deixar que as opiniões dos outros me afetassem mais. Também ao mudar de escola e começar verdadeiramente a estudar o que gosto, juntamente com conhecer as pessoas que conheci e que me fortaleceram como pessoa, fez de mim uma pessoa mais forte. Ir para artes foi, sem dúvida, uma lufada de ar fresco na minha vida, pois aprender a desenhar e a pintar foi algo que preenchia os meus pensamentos e que não deixava que me importasse com coisas que não iam significar nada de bom para mim.

Muitas vezes ainda sinto que sou alvo de preconceito e que muitas pessoas gozam comigo por ser gordo, mas neste momento eu ainda olho para as pessoas e retribuo com um sorriso, pois eu sei que sou gordo e sei que tenho

que cuidar da minha saúde, mas o mais importante é que, eu próprio, me aceite como sou, e quem gosta de mim também tem que me aceitar como eu sou.

Depois de tanto tempo consigo entender que não fui só alvo de preconceito por colegas de turma, mas também por pessoas a quem confiamos a nossa saúde, como os médicos e pessoas que os nossos pais confiam a nossa educação como um diretor de uma escola.

No seguimento desta pesquisa, realizei a pintura “Preconceito”. Com o decorrer da investigação comecei a consumir cada vez mais as obras de Jenny Saville então deixei os corpos gordos estilizados e comecei a pensar fazer algo mais realista que pudesse mostrar que uma pessoa gorda nua não tem que ser vista como feia, porque todos somos feitos da mesma matéria, uns mais gordos outros mais magros, mas todos de carne e osso. E assim nasceu esta pintura que foi feita em pano cru pois eu queria que a tela tivesse a sua essência como o corpo que esta pintado nela.

Dentro deste capítulo também realizei uma instalação que denominei “Sociedade Primária”. No decorrer da minha investigação apercebi-me que apesar de vivermos em pleno século XXI a nossa sociedade ainda tem uma mente muito primária daí o nome desta instalação. Decidi voltar a trazer para esta instalação corpos gordos estilizados como já tinha usado em peças anteriores. Quando comecei a pensar quais cores iria utilizar, não me vinham outras cores à mente que não fossem as cores primárias pois essas cores eram as mais indicadas para representar a sociedade primária que infelizmente ainda temos. Os materiais que utilizei nesta peça foi a lã e os espelhos para refletir a representação da sociedade primária.

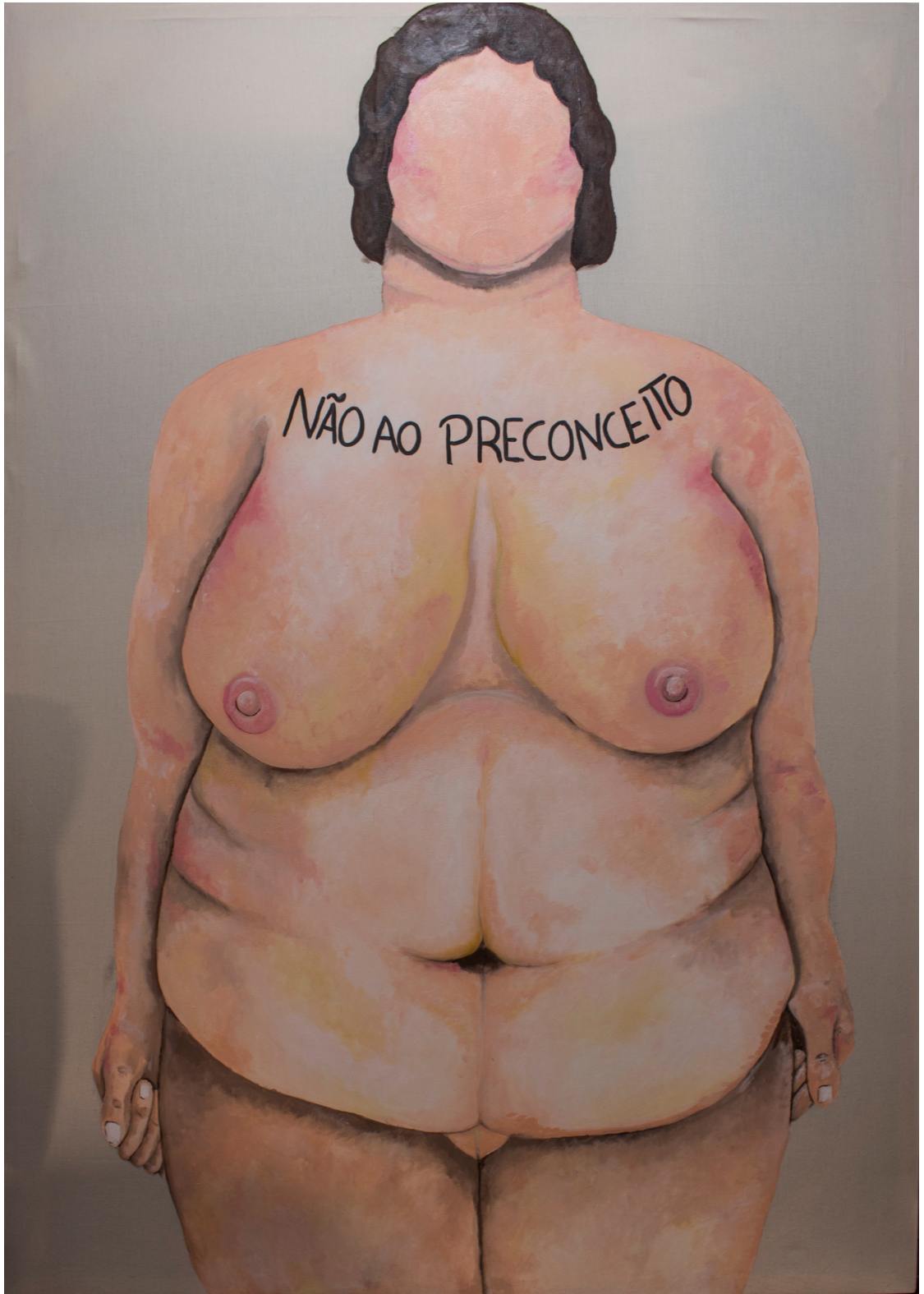


Fig. 33 - *Preconceito*, Pedro Fernandes, 2020, acrílico sobre pano cru, 175x120cm, coleção do autor.



Fig. 34 – *Sociedade Primária*, Pedro Fernandes, 2020, lã e enchimento, 67x36x32cm, coleção do autor, (Versão Provisória)



Fig. 35 - *Sociedade Primária*, Pedro Fernandes, 2020, lã e enchimento, 71x70x52cm, coleção do autor, (Versão Provisória)



Fig. 36 - *Sociedade Primária*, Pedro Fernandes, 2020, lã e enchimento, 90x76x60cm, coleção do autor, (Versão Provisória)



Fig. 37 - *Sociedade Primária*, Pedro Fernandes, 2020, lã e enchimento, espelhos 50cm diâmetro, coleção do autor

Considerações finais

No âmbito das conclusões deste relatório, salienta-se que o meu objetivo com este trabalho de projeto foi o de tentar compreender como os corpos gordos são representados ao longo da história e arte, tendo como preocupação não só a visão nas artes, mas também na sociedade, e buscar contribuir através das minhas obras para o empoderamento das pessoas gordas e para o ativismo contra a gordofobia.

Nos meus trabalhos práticos o meu objetivo foi representar a minha percepção face à visão da sociedade em relação aos corpos obesos e a minha experiência pessoal no respeitante ao tema. Nesse sentido, decidi representar corpos marginalizados e carregados de preconceito, porém vistos de uma forma plástica, colorida e alegre, levando a que as pessoas que observam os meus trabalhos não se apercebam de imediato que estes foram feitos por uma pessoa que já foi alvo no passado, e também no presente, de atitudes preconceituosas.

No primeiro capítulo “Representação de corpos gordos ao longo da história de arte” concluo que a mulher gorda começou por ser vista como um símbolo de beleza e fertilidade, contudo na Grécia Antiga a gordura era vista como uma patologia, e assim as mulheres foram submetidas a vários jejuns para manter os seus corpos magros, de acordo com os cânones de perfeição da altura, sendo, no entanto, o homem gordo associado ao sucesso e prosperidade económicos.

Concluo também que na arte a gordura passou de algo belo para uma coisa a abolir.

Neste capítulo também trouxe a visão de alguns artistas em relação a este tema. Dentro do leque de artistas que escolhi encontra-se a pintora Jenny Saville cuja obra tem como objetivo denunciar os vários conflitos pessoais dos quais sofrem frequentemente as pessoas gordas, e que resultam da distorção da sua

autoimagem como consequência de não se adequarem ao padrão de beleza vigente.

Fernanda Magalhães também é uma artista que analisei neste capítulo na medida em que ela recorre nos seus trabalhos artísticos às suas vivências de mulher obesa para combater o estigma imposto pela sociedade a quem possui um corpo diferente da norma.

No segundo capítulo “Projetos artísticos para o empoderamento das pessoas obesas” concluo que um dos grandes problemas com que se deparam as pessoas obesas é sem dúvida os valores de beleza veiculados pelos meios de comunicação social. A imposição social de um corpo magro pode vir a causar grandes problemas de saúde como, por exemplo, a bulimia.

Contudo com a entrada nos meios de comunicação social de pessoas gordas concluo que a influência que as mesmas têm nas redes sociais veio a ajudar pessoas gordas a se sentirem melhor com elas mesmas.

Neste capítulo tive como objetivo central a investigação da visão dos meios de comunicação social e os estereótipos sociais acerca do corpo e recorri às análises da escritora e psicanalista Susie Orbach para compreender a indústria da fast fashion e das farmacêuticas.

No terceiro capítulo “O preconceito – uma pintura para o”, concluo que o preconceito com as pessoas gordas não é somente realizado nas ruas e nos meios de comunicação social, mas também no próprio local de trabalho nos transportes públicos nos restaurantes nas escolas e no médico. Frequentemente, as pessoas que são alvos desse preconceito acabam por ser tão afetadas psicologicamente que não é raro tentarem o suicídio. Contudo em alguns países não ocidentais as mulheres gordas são vistas como símbolos sexuais, e por esse motivo muitas delas recorrem a determinados esteróides para engordar pois o seu corpo passa a ser um meio para ganhar dinheiro.

No terceiro capítulo dou a conhecer a minha experiência pessoal face ao tema bem como Virgie Tovar, uma ativista que tem artigos publicados onde fala da sua experiência e dá conselhos sobre como superar este *bullying*.

Independentemente de ser um tema muito conhecido defendo que a nossa sociedade deve desenvolver esforços para ajudar as pessoas que sofrem em silêncio por causa da vergonha de não terem o corpo considerado ideal e muitas vezes são levadas a atitudes autodestrutivas que as podem deixar com marcas irreversíveis tanto ao nível físico como psicológico.

Referências Bibliográficas

Barbosa, Maria Raquel, Matos, Paula Mena, & Costa, Maria Emília. (2011). *Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje*. Psicologia & Sociedade, 23(1), 24-34. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>

BERGER, John – *Modos de ver John Berger*. Trad. de Jorge Leandro Rosa; Lisboa: Antígona Editores Refratários, 2018. 200p. incluí a obra, A chave dos sonhos de René Magritte como imagem de capa.

Brandão, C. M., Funari, A. M., & Rodriguez, C. B. (s.d.). *Diane Arbus: Registros das diferenças*. Núcleo de pesquisa em fotografia e educação, Pelotas, Brasil.

Guardian, T. (9 de Abril de 2010). (G. Investigations, produtor) obtido de Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=KGKBMvtDY68>

Lemos, A. P. S., de Oliveira, J. H. C., & Meihy, J. C. S. B. (2015). *Arte e obesidade: tempos estéticos do corpo feminino*. Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa, 1(2).

Lopes, J. (21 de Junho de 2020). Obtido de Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=y_g2kCNZZG8

Mello, J. A. (Agosto de 2014). *A obesidade no processo criativo de Fernanda Magalhães*. n. 6

NOXON, Martin – *To the bone* [Filme]. Prod. Bonnie Curtis, Karina Miller, Julie Lynn. S.I.: Netflix, 2017. 1 filme (147min.): color.

Orbach, S. (24 de Junho de 2018). The Guardian. Obtido de <https://www.theguardian.com/society/2018/jun/24/forty-years-since-fat-is-a-feminist-issue>

Pimenta, T. A. (2015). *Obesidade: uma breve reflexão social, histórica e cultural do processo de estigmatização*.

Scandolara, P. F. (2013). *Arte feminista: diálogo entre o mito da beleza e as obras de Jenny Saville*. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10.

Tovar, V. (3 de Setembro de 2018). Obtido de The Guardian: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2018/sep/03/diet-advice-and-tiny-seats-how-to-avoid-10-forms-of-fatphobia>

(13 de setembro de 2020). Obtido de WIKIPÉDIA: <https://pt.wikipedia.org/wiki/preconceito>

(3 de Novembro de 2020). Obtido de WIKIPÉDIA: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estigma_social_da_obesidade